

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

ÉRICA DOS REIS DE SOUZA

DISCURSOS SOBRE A DEPRESSÃO: A NEGAÇÃO PARA DIZER DE SI

**CÁCERES-MT
2016**

ÉRICA DOS REIS DE SOUZA

DISCURSOS SOBRE A DEPRESSÃO: A NEGAÇÃO PARA DIZER DE SI

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação da professora Dra. Eliana de Almeida.

**CÁCERES-MT
2016**

Souza, Érica dos Reis de

Discursos sobre a depressão: a negação para dizer de si./Érica dos Reis de Souza.
Cáceres/MT: UNEMAT, 2016.
72f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2016.
Orientadora: Eliana de Almeida

1. Discurso. 2. Sujeito. 3. Efeitos de sentido – discurso. 4. Ironia. 5. Resistência. I.
Título.

CDU: 81'42

Ficha catalográfica elaborada por Tereza Antônia Longo Job CRB1-1252

ÉRICA DOS REIS DE SOUZA

DISCURSOS SOBRE A DEPRESSÃO: A NEGAÇÃO PARA DIZER DE SI

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação da professora Dra. Eliana de Almeida.

BANCA EXAMINADORA

Orientador(a)

Dra. Eliana de Almeida
UNEMAT – *Campus* Universitário de Cáceres

Avaliador(a) Externo(a)

Dra. Fernanda Lunkes
UFSB- Universidade Federal do Sul da Bahia

Avaliador(a) Interno(a)

Dra. Sílvia Regina Nunes
UNEMAT – *Campus* Universitário de Cáceres

CÁCERES-MT

2016

DEDICATÓRIA

À minha família, em especial, aos meus pais, por sempre me compreenderem e me apoiarem em todo processo deste estudo, principalmente à minha mãe, pela dedicação e cuidado da minha filha em minhas ausências necessárias.

À minha orientadora, pela paciência e palavras firmes que sempre me ajudaram a crescer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, ao seu Espírito, por me abençoar na conclusão deste trabalho.

À minha família, que é minha base.

À minha orientadora, Eliana de Almeida, a quem muito agradeço pelas orientações na pesquisa e pela confiança na produção escrita deste trabalho.

À banca, por ter aceito contribuir no desenvolvimento desta pesquisa.

A todos os professores do Programa de Mestrado em Linguística, que me ajudaram na pesquisa acadêmica.

À CAPES pela bolsa concedida.

A todos os colegas do Mestrado, em especial aos amigos, Geovane A. Martins, Elaine F. Magro e Ariele Loiola, pela parceria nos estudos desde o início do programa e pela companhia divertida em todo nosso trajeto de vindas à Cáceres.

Devo continuar. Eu não posso continuar. Devo continuar. Deve dizer palavras enquanto as houver. Devo dizê-las até que elas me encontrem Até elas me disserem – estranha dor, entrada falta. Devo continuar. Talvez isso já tenha acontecido. Talvez já me tenham dito. Talvez já me tenham levado até ao limiar da minha história, até à porta que se abre para minha história. Espantar-me-ia que ela se abrisse. (MICHEL FOUCAULT, 1996, p.09)

RESUMO:

Inscrevemos este trabalho de leitura pelo viés teórico da Análise do Discurso (Pêcheux anos 60; Orlandi, 1990), questionando pelos modos quais, na perspectiva do discurso, o sujeito se inscreve em rede (no virtual) para significar (e se significar) no mundo, na sociedade contemporânea. A esse respeito, indagamos sobre o processo de identificação; (contra/des) identificação do sujeito pelo gesto da escrita irônica no modo como se inscreve para resistir, sob outras formas. Trata-se, assim, dos dois lados da moeda indissociáveis, paráfrase e polissemia. Nesse sentido, considerando os efeitos de sentidos produzidos a partir do nosso *corpus*, isto é, os posts e estampas de camisetas da página “Diva Depressão”, e, aliados a Pêcheux, compreendemos que não há sentido que não seja ideológico, ou seja, que a própria constituição do sentido se dá pela via da ideologia. Assim como ressalta Orlandi (2007), que “ao se inscrever na língua o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, daí resultando uma forma sujeito histórica”. (p.11). Desse ponto de vista teórico, é que marcamos este trabalho, onde também marca o sujeito desde sua entrada na linguagem, pela incompletude. Pela incompletude dele (sujeito) e da linguagem. Desse modo, para compreender o discurso sobre a depressão através dos posts e estampas “Diva Depressão”, mobilizamos nas análises alguns conceitos, como o de condições de produção, memória, alteridade, ironia, bem como a questão da resistência que aparece de forma bem latente em nosso material. Compreendemos que a escrita se constitui num espaço simbólico, lugar de interpretação, num trabalho de memória e de construção de identidades. Assim, ao escrever sobre si, o sujeito Diva Depressão escreve também sobre e pelo o(O) outro, determinando sua evidência ideológica numa conjectura de outras páginas pela mesma predicação(depressão). A análise dá visibilidade a produção de sentidos apagados pelo excesso da negação, que pela ironia evidencia-se a partir do dispositivo analítico, sua relação com a língua e a história.

Palavras-chaves: Discurso. Sujeito. Ironia. Efeitos de Sentido. Resistência. História.

ABSTRACT

We read this work by theoretical bias discourse analysis (Pêcheux 60 years; Orlandi, 1990), questioning manner which, in the context of the speech, the subject subscribes to the network (in) to mean (and mean) in the world, in contemporary society. In this regard, we inquired about the identification process; (against/des) identification of the subject by writing ironic gesture, no way subscribes to resist, in other forms. It is, as well, on both sides of the coin are inseparable, paraphrase and polysemy. In this sense, considering the effects of senses produced from our corpus, that is, the posts and t-shirt prints page "Diva Depression", and, coupled with Pêcheux, we understand that there's no sense other than ideological, that is, that the Constitution of meaning occurs through ideology. As well as Orlandi (2007), "to enroll in the language the individual is asked in subject by ideology, resulting in a way historical subject". (p. 11). This theoretical point of view, is that we mark this work, which also marks the subject since its entry in the language, by incompleteness. The incompleteness (subject) and language. Thus, to understand the speech about the depression through the posts and prints "Diva Depression", we mobilize the analysis some concepts, such as the production conditions, memory, otherness, irony, as well as the issue of the resistance that appears very latent in our material. We understand that writing is a symbolic space, place of interpretation, a work of memory and identity construction. So, when writing about themselves, the subject also writes about Depression and Diva by the (The) other, determining its ideological evidence on a conjecture of other pages by the same preaching (depression). The analysis gives visibility to the production of senses erased by the excess of denial, that the irony is evidenced from the analytical device, its relation with language and history.

Keyword: Speech. Subject. Irony. Effects of Sense. Resistance. Story.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I: A CONSTUIÇÃO DO DISCURSO SOBRE/DA DEPRESSÃO NA CONTEMPORANEIDADE.....	04
1.1 Um trabalho de interpretação: condições de produção.....	04
1.2 Das condições de produção contemporâneas: da depressão para diva depressão.....	09
CAPÍTULO II: NA INSTÂNCIA DO NÃO-EU QUE É OUTRO.....	22
2.1 Da Subjetividade, o Outro: uma abordagem discursiva.....	22
2.2 A negação que afirma uma outra memória de Diva.....	29
CAPÍTULO III: DA LITERALIDADE DA LINGUAGEM PARA O DISCURSO.....	41
3.1. A ironia como efeito de rompimento da estrutura.....	41
3.2 A (contra/des) identificação de si pelo discurso irônico.....	47
CONSIDERAÇÕES (IN) CONCLUSIVAS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62

INTRODUÇÃO

O material que elegemos como recorte de leitura para este trabalho consiste em uma página na internet chamada *Diva Depressão*. Nela, circulam dizeres aparentemente irônicos de um eu (si) que se marca na linguagem, pelos efeitos de negação na/pela condição histórica, social do sujeito. Nesse sentido, tomando a internet como um agente que abre para outros sentidos de tempo-espço na contemporaneidade, nós propomos compreender como vem se dando o efeito, o posicionamento dos sujeitos nos processos de leitura e identificação que se marcam pela sua inscrição nesse espaço digital.

Inscritos na teoria da Análise do Discurso, iniciada por Pêcheux na França (1969) e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi, nessa corrente materialista, consideramos a língua/linguagem em sua textualidade, isto é, não enquanto palavras significadas em si e por si, mas na relação com os sentidos na/pela história. Nesse sentido, buscamos considerar o texto como um objeto linguístico-histórico.

Partindo dessa concepção teórica, tomamos a incompletude como uma condição constitutiva da linguagem, entendendo que, nem os sujeitos nem sentidos são/estão completos e construídos definitivamente. Pois, se constituem e funcionam no *entremeio, da relação, da falta, do movimento*. Assim, pensar o nosso objeto enquanto forma material é já compreendê-lo na sua instância opaca, reconhecendo a transparência dos sentidos como um efeito ideológico.

Por forma material, compreendemos a partir de Orlandi (2007), como um processo histórico de significação, em que o sujeito, a história e a linguagem, estão materialmente pensados e ligados. Desse modo, não se confunde com a forma empírica, que é o produto, a realidade resultante do processo pensada de modo isolado, nem se confunde com a forma abstrata, que é o elemento de um sistema, a língua funcionando em si mesma, de modo independente e fora do seu contexto, como concebem os estruturalistas. Refere-se, portanto, a forma material, à língua funcionando na história, na sociedade, no funcionamento do sujeito – uma forma linguístico-histórica.

Assim, compreende-se a língua não só como uma estrutura, mas, sobretudo, como acontecimento¹. A forma material é o acontecimento do significante em um sujeito afetado pela história. E é a partir da forma material que desfazemos a evidência e a

¹ In: O discurso: estrutura ou acontecimento / Michel Pêcheux 1938 – 1983;

transparência do sentido, conforme produzidas pela relação imaginária entre a linguagem e fazer aparecer “a materialidade do discurso”, ou seja, a relação da língua e a exterioridade que a constitui.

Seguindo, nosso interesse em discutir discursivamente sobre a página Diva Depressão surge-nos da questão dos processos de leitura e de identificação dos sujeitos, bem como dos pontos que envolvem a circulação, movimentação e acesso desses discursos, pois que consideramos esse lugar, o espaço digital, como um espaço enunciativo produtivo de análise. Grande parte dos estudos acerca de temáticas na internet centra-se apenas sobre a questão de cunho tecnológico, excetos os estudos discursivos sobre os quais percorremos teoricamente.

Assim, concebemos a rede eletrônica social como um espaço discursivo que se marca pela heterogeneidade e pluralidade do discurso, pois que, sujeitos se dizem e se significam de diferentes formas. E isso compreendemos a partir das condições sócio-histórico-ideológicas que os constituem, sujeito e sentidos.

Desse modo, tomamos a página da internet “Diva Depressão” como discursos irônicos para o sujeito dizer de si. Nosso material de leitura constitui-se de *posts* da página Diva Depressão do Facebook, de imagens que estão disponíveis no site da loja para serem estampadas nas camisetas e pelas imagens que circulam no Blog Diva Depressão.

Buscamos compreender os efeitos de sentidos e os modos pelos quais se historicizam pela materialidade linguística dos enunciados, dos dizeres que circulam nesta página. Para tanto, organizamos o trabalho em três capítulos, dividindo-o em Dispositivo teórico, interpretação/análise do material.

O primeiro capítulo compreende a leitura do corpus, em relação ao discurso sobre/da depressão no espaço virtual. Assim, propusemos a compreensão de alguns conceitos, como o de interpretação e as condições de produção do material, expondo o leitor à sua opacidade. Procuramos situar de modo breve o que é o discurso, o interdiscurso (memória) e suas relações de sentido nas tensões da linguagem, entre (diferença/repetição) a paráfrase e a polissemia. Consideramos também a reflexão sobre o discurso da negação, dentre outros.

No segundo capítulo, tratamos por uma abordagem discursiva, da subjetividade, pelo (o)Outro da linguagem no viés das heterogeneidades de Authier-Revuz (1990), de modo que pressupomos nos dizeres da *Diva Depressão* uma escrita que se produz pelo efeito subjetivo do Outro, pelo movimento da alteridade que é constitutivo do sujeito.

Neste, num gesto de interpretação, propomos algumas imagens para compreendermos o funcionamento do *(o)Outro no Mesmo* do discurso.

Na ânsia de empreendermos uma leitura mais analítica do material, propusemos o terceiro capítulo com os seguintes tópicos: **a ironia como efeito de rompimento da estrutura sintática**; e **a (contra/des) identificação de si pelo discurso irônico**. Nesses tópicos, tomamos a ironia sob as reflexões de Orlandi (2012), que a desloca como era concebida na retórica, como figura de pensamento, e vem compreender a ironia como um tipo de discurso. Noutro tópico, a partir de Pêcheux (1997), consideramos um *desdobramento* constitutivo do sujeito do discurso, que são os processos de identificação, contra-identificação e desidentificação no sujeito pela linguagem.

CAPÍTULO I: A CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO SOBRE/DA DEPRESSÃO NA CONTEMPORANEIDADE

1.1- Um trabalho de interpretação: condições de produção

Este trabalho inscreve-se na teoria da Análise de Discurso, iniciada por Michel Pêcheux nos anos 60, na França, e difundida por Eni Orlandi nos anos 80, no Brasil. Desse lugar teórico propomos compreender, no confronto de formulações discursivas, pelos dispositivos de interpretação e análise, o funcionamento discursivo da língua(gem) na relação com o seu real, a história e o sujeito que o produz.

Como a interpretação está imbricada *em toda e qualquer manifestação da linguagem*, sua noção, por vezes, sua materialidade passa como evidente/transparente justamente pelo fato de ser heterogênea em sua definição. Para fazer tal afirmação, nos pautamos em Orlandi (2012), quando teoriza sobre os sentidos de transparência no trabalho de interpretação, no modo como os teóricos e sociedade a tomam pela evidência. Nesse sentido, começamos por considerar as condições de produção pela noção de interpretação, como sustentamos, produzindo o discurso - enquanto *efeitos de sentidos entre locutores*.

Desse modo, o gesto de interpretação vem se constituir no lugar da relação do sujeito com a língua. Logo, por essa relação, a noção de interpretação passa por uma revisada teórica, nas palavras de Orlandi (2012), em que a *interpretação é posta em questão* como algo que não se fecha, pois não se considera sentido em si e por si. O que se tem na verdade, é a *ilusão* de um fechamento que, de acordo com a autora, acontece a partir de uma inscrição do sujeito na linguagem pela ideologia, pois quando refletimos no processo de produção da linguagem, temos:

De um lado, historicamente, o sentido instituído como dominante entra como tal nas condições de produção dos diferentes discursos. Por outro lado, o falante tem um compromisso histórico com "seu" discurso, como um evento de sua fala, enquanto (sob a forma de uma ilusão) é sujeito de seu dizer. (Idem, 43)

Desse modo, o sujeito procura pela linguagem restituir-se num processo de constituição de si, como sujeito falante, na materialidade do sentido, ou seja, pela sua historicidade. Para compreendermos melhor essa relação, propomos a descrição das condições de produção que bem compreendem os sujeitos e sua posição frente aos seus

discursos. Pois, no funcionamento da linguagem, o sujeito é constituído por gestos de interpretação que concernem a sua posição (*ibid*).

Desse ponto, as condições de produção definem-se para Pêcheux como “o estudo da ligação entre as ‘circunstâncias’ de um discurso” e que “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma” (Pêcheux, 1969, p.79).

Segundo o autor, é necessário, antes, relacioná-lo ao conjunto de discursos possíveis, a partir de um outro contexto que não seja o seu. Ainda, é preciso considerar tanto as condições de produção nas suas determinações do contexto imediato, relacionadas ao momento de enunciação, quanto as do contexto mais amplo, relacionadas à ideologia, ao contexto sócio histórico.

Nas circunstâncias da enunciação situam-se as relações entre os sujeitos e o momento de dizer, o lugar e o tempo em que acontece esse dizer, enquanto o contexto sócio histórico e ideológico dizem do momento histórico desse dizer, ou seja, das questões sociais e posições sustentadas pelos sujeitos.

Segundo Orlandi (2012), as condições de produção *são, pois, o modo de produção da vida material que condiciona o conjunto dos processos da vida social, política, etc.* E é aí que se dá a inscrição “da relação entre língua e discurso: a língua dá as condições de base do processo discursivo” (Idem, p.73). Desse modo, à medida em que o sujeito fala, o modo como *aciona* sua memória, *faz valer* as condições de produção.

Na compreensão de Courtine (1984) temos o sujeito representado em dois eixos ou níveis. No primeiro, ao enunciar, o sujeito assume uma “posição”, posição esta que vai se definir na ordem do enunciável, na linearidade da língua, que constitui o eixo horizontal. Segundo Orlandi (2009), o eixo da *formulação*, lugar onde falamos num dado momento, em dadas condições. O segundo seria o eixo vertical que se configura por um conjunto de dizeres já ditos e que foram esquecidos. Lugar da *constituição*, lugar onde a memória produz sua eficácia. Todo dizer vai sempre se encontrar na confluência desses dois eixos: o da memória – constituição e o da atualidade – formulação (idem, 2009).

Assim, no processo discursivo, temos uma memória que se manifesta, conforme Orlandi, “com os movimentos (gestos) de interpretação do sujeito (sua posição), na determinação da história, tomado pelo discurso como efeitos de sentidos entre locutores” (Orlandi, 2012, p.49). Desse modo, há uma singularidade que define a natureza da memória discursiva: trata-se do fato que quando enunciamos há essa estratificação de

formulações já feitas que presidem nossa formulação e formam o eixo de constituição de nosso dizer (Orlandi, 2006. p.11;31)

Assim, memória é definida pela análise do discurso como o *interdiscurso*, isto é:

todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. (ORLANDI, 2012, p. 33-34)

E por esse entrecruzamento, segundo Orlandi (2009), se manifestam os sentidos, pois nesse jogo de formulações já ditas, trespassa o novo, incide a atualização de uma memória. “Mas, são formulações já feitas e esquecidas. Por isso é que podemos afirmar que a memória discursiva é constituída pelo esquecimento” (Orlandi, 2006, p. 21).

Por esses esquecimentos, definimos dois constituintes no discurso, segundo Pêcheux (1975), temos o esquecimento número um, que é considerado por uma *anologia* do inconsciente, sendo o modo pelo qual somos afetados pela ideologia – Orlandi (2009), chama-o de *esquecimento ideológico*. Daí decorre a *ilusão* de que retomo agora, a de sermos a origem de tudo que dizemos, quando de fato, o que fazemos, é retomar sentidos já existentes. A autora faz uma comparação com *o sonho adâmico*, que é como se estivéssemos no início da linguagem, fôssemos o primeiro a dizer as primeiras palavras e que estas seriam dotadas de um sentido único.

No entanto, esse sentido único, sem filiações, estaria também relacionado ao esquecimento número dois. Pois, este, sendo do campo da enunciação, produz-se sobre o sujeito quando fala, fazendo-o de uma forma e não de outra, ou seja, falamos de onde pisam os nossos pés. Quando falamos, nos inscrevemos a uma dada formação discursiva, que segundo Pêcheux (1997):

é o modo pelo qual todo sujeito-falante “seleciona” no interior de uma formação discursiva que o domina, isto é no sistema de enunciados, formas e sequências que nelas se encontram paráfrase – *um enunciado, forma ou sequência, e não outro, que no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada. (IDEM, p.173)*

O sujeito é resultado da relação entre a língua, a história e a ideologia, nas palavras de Orlandi, cujos diferentes “papéis” linguísticos são atravessados pelas formações discursivas “que é a projeção da ideologia do dizer” (2012, p.55). Nesse sentido, a formação discursiva é um campo de sentidos que vem se constituir o sujeito pela sua relação com o interdiscurso (memória do dizer), representando o espaço da ideologia – formação esta, que se inscreve no dizer das formações ideológicas. Desse modo, ao se inscrever na *língua o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia*, resultando em sua forma sujeito histórico, que para Orlandi, é a capitalista. Assim, pelo processo de identificação, o sujeito vai se inscrever numa formação, em que suas palavras vão fazer um sentido num modo que o leve a enxergar como normal/natural, como sendo o sentido *já-lá*, transparente. Segundo Orlandi (2012), isso acontece, porque o sujeito não reconhece o movimento da interpretação, e sim ao contrário, o sujeito se reconhece nele (*ele se identifica ao sentido, sempre já-lá*).

Por esse olhar e mediados pela teoria, é que passamos a ter uma nova visão sobre como pensar o sujeito/sentido, no modo como se afastam tanto do ideal subjetivo (sujeito individual) como do objetivo abstrato (sujeito universal):

Recusa assim tanto o sujeito ascético, o da mente (o biológico), sujeito falante/ouvinte ideal, sem história, como também não se ilude com o individualismo subjetivista que exclui igualmente a historicidade. Quanto ao sentido, ela também produz sua crítica a duas tendências que se ligam: à que propõe o sentido literal (o sentido é um, do qual derivam os outros) e à que, no lado oposto, diz que o sentido pode ser qualquer um. (ORLANDI, 1994, p.56).

A partir disso, tomamos a relação do sujeito com a linguagem como uma questão não decifrável, não completa, nem transparente, tampouco a língua como um sistema fechado em si mesmo². Para isso há de sempre considerar a relação necessária do sujeito com a língua para que se signifique, não nele e por ele, mas por sua inscrição na língua pela história, lugar da ideologia - onde também se constituem os sentidos e seus possíveis deslocamentos. As palavras, por essa perspectiva, não têm um sentido próprio, não são presas à sua literalidade.

Segundo Pêcheux (1975), o sentido é sempre uma palavra por outra, uma expressão ou uma proposição por outra palavra, uma outra expressão ou proposição, e por esse relacionamento, de transferência – de metáfora, esses elementos significantes se

² Nos referimos ao conceito de língua saussureano, como um sistema fechado, sem falhas.

confrontam e se revestem de um sentido. Sentido, que conforme o autor, existe exclusivamente nas relações de metáforas que vão se manifestar na linguagem pelas substituições, paráfrases e/ou sinônimos, cujo lugar é histórico e "*mais ou menos provisório*". Pois segundo Orlandi (2009), é no funcionamento discursivo, é pela referência à formação discursiva que podemos compreender os diferentes sentidos.

Dessa forma, os sentidos são trabalhados não como algo em si, mas como "relação a"³ (história). Assim, por compreendermos o discurso, ou seja, o funcionamento da linguagem pela interpretação, nos situamos melhor em relação à leitura, quando nos deparamos com um objeto simbólico (texto, imagens, enunciados, etc), em que o modo como o tomamos já não é mais pela evidência de um sentido. Pelo dispositivo teórico, podemos romper com esses efeitos de evidência e "expor o olhar leitor à opacidade do texto, ou seja, inaugurar outras maneiras de ler (colocando o dito em relação ao não dito, em relação ao dito em outro lugar, de outras maneiras etc)" (Orlandi 2012, p.62).

Por essa direção, pensando a produção de sentidos e seus deslocamentos, é que propomos compreender na internet a questão da leitura e identificação dos sujeitos, e os pontos que envolvem a circulação, formulação e acesso aos discursos sobre/da depressão. Esses discursos encontram-se materializados em uma página virtual chamada: '*Diva Depressão*', em que, pelas marcas da ironia – o múltiplo no um dos sentidos, fazem alusão à mulher da contemporaneidade. No entanto, e como já o dissemos, a leitura das condições de produção é indispensável para compreendermos os espaços, os dizeres e suas filiações.

Logo, é preciso reconhecer esse espaço da internet, o virtual dessa página, que, na compreensão de Romão (2008), é onde *a liberdade apresenta-se como a moeda de troca no campo da virtualidade multidimensional, pois sempre existe a possibilidade de deslocar-se, mover-se com grande desenvoltura e velocidade*, é o lugar onde os sentidos e sujeitos são presos discursivamente em emaranhadas *teias discursivas*, se dispersam, se diluem, mascaram e/ou reafirmam suas posições ideológicas.

Em contribuição, Dias vem dizer que a discursividade do eletrônico constitui (...)um processo histórico e ideológico de significação da nossa sociedade contemporânea, no modo como estamos nela, como praticamos os espaços, no modo como somos interpelados em sujeito pela ideologia, através das determinações históricas. (Dias, 2011, p.58).

³ Canguilhem (1980) Apud Orlandi (2009), p.25.

Tendo em conta estas considerações, tomaremos a rede eletrônica como um espaço discursivo marcado pela heterogeneidade. A problemática da heterogeneidade sempre esteve presente no trabalho teórico de Pêcheux, cujo foco foi a definição do objeto da disciplina – o discurso, definindo que “o primado teórico do outro sobre o mesmo se acentua” (Pêcheux, 1983/1997 p.315), onde o discurso é definitivamente colocado sob o signo da heterogeneidade, proposta tanto como categoria conceitual, quanto em relação à construção do corpus. Nesse sentido, e, considerando esse espaço (eletrônico) marcado pela pluralidade do discurso, assim como também pela incompletude, Orlandi nos diz:

Não é inútil afirmar que o discurso é sempre incompleto assim como são incompletos os sujeitos e os sentidos. Compreendemos a identidade como um movimento na história e os sentidos como trajetos simbólicos e históricos não terminados [...] a incompletude é o índice da abertura do simbólico, do movimento do sentido e do sujeito, da falha, do possível (Orlandi 2012, p. 92;93)

Assim, para compreender os sentidos sobre os movimentos do sujeito produzidos na/pela rede eletrônica, partimos da pergunta sobre o sujeito navegador que é atravessado pelo efeito discursivo de tudo poder dizer, ao ser capturado pela/na rede. Desse modo, propomo-nos à leitura da página em suas condições materiais de dizer e, partindo do que tem sido discutido na atualidade sobre a depressão, buscar compreender o deslizamento de práticas discursivas no virtual em que a ilusão, afetada pelos esquecimentos de que tratamos discursivamente, necessária ao sujeito, produz o efeito nele/dele ser o centro e único de todo esse dizer.

1.2 Das condições de produção contemporâneas: da depressão para diva depressão

A depressão “é uma imperfeição do amor”, escreve Andrew Solomon em seu livro, “*O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão* (2002)⁴”. Durante os cinco longos anos que Solomon dedicou-se ao estudo da depressão, entre causas, efeitos e tratamentos, registrou histórias que recolheu de pessoas que passaram por crises depressivas. Foi um período em que, nas palavras do autor, “cada segundo de vida me

⁴ Vasto tratado sobre a depressão publicado nos EUA e traduzido no Brasil em 2002. Nas palavras de Solomon, “nunca escrevi sobre um assunto a respeito do qual tantos tivessem tanto a dizer”. A estas, ele acrescentou sua própria história. O trabalho deste livro foi uma forma de reação ao longo período em que ele próprio sofreu crises depressivas.

feria”. Pode-se afirmar que, de acordo com os relatos ou em dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), os transtornos depressivos se tornam a quarta causa mundial de morbidade e incapacitação e atingem cerca de 121 milhões de pessoas no mundo – sem contar, evidentemente, as que não são diagnosticadas. Consideramos que esses relatos/dados ressaltam as condições de produção para o discurso sobre a/depressão.

Assim, pelo viés discursivo, abrimos à guisa desse trabalho para compreensão da/sobre a depressão, partindo das considerações de Maria Rita Kehl, uma psicanalista, estudiosa do tema das atualidades depressivas, na contemporaneidade. A depressão, segundo a autora, é um estado em que o sujeito é atropelado pela emergência do *Outro*, conforme explicitado abaixo:

sob a forma simbólica da Lei e da linguagem, e de outro, sob as formas imaginárias – herdeiras daqueles que Freud denominou “os seres de amor” na vida infantil, cuja emergência/urgência compreende-se como uma instância temporal que se inaugura a partir da espera de uma satisfação do gozo. (Kehl,2009 p.30)

Segundo Kehl (2009), o tempo que se inaugura com a espera de satisfação é a primeira dimensão da falta que se apresenta ao *infans*, a partir da qual ele haverá de dar início ao trabalho de representação do objeto faltante. Essa representação do objeto faltante de que trata a psicanalista, a tomamos pela tessitura da linguagem no modo como a inserção (histórica) de novas formas imaginárias vem sendo produzidas/introduzidas acerca dos sentidos/discursos sobre/a depressão. Diante de algumas considerações que faremos pelo viés teórico da Análise do Discurso, compreenderemos essa incompletude, (do objeto faltante), da falha, como constitutiva, não só do sujeito, mas também da linguagem. Pois, como vimos, a língua não funciona fechada sobre si mesma, ela é *capaz de falha*: “Essa possibilidade - a da falha é constitutiva da ordem simbólica. Por seu lado, o equívoco já é de fato de discurso, ou seja, é a inscrição da língua na história (capaz de falha) que produz o equívoco” (Orlandi 2012, p.102;103). Logo, este se dá pelo funcionamento da ideologia, sendo o equívoco, *a falha da língua, na história*.

Por essa compreensão, o equívoco é, portanto, a dimensão em que todo enunciado está “susceptível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (Pêcheux, 2008, p.53). O equívoco é o funcionamento discursivo que instaura os pontos de deriva de sentido e da própria

constituição da subjetividade. Assim, é no/pelo equívoco que os sentidos escorregam à apreensão.

O que nos interessa compreender neste trabalho são os deslocamentos que essa prática discursiva sobre a depressão vem sofrendo nos espaços enunciativos da rede eletrônica, esse algo escapa, e escapa para que outro sentido possa se materializar. Falando teoricamente, esses deslocamentos têm a ver com o interdiscurso, no que concerne à compreensão entre paráfrase e polissemia – entre o “mesmo” e o “diferente”. Conforme Orlandi (2009), a paráfrase reitera o “mesmo”, a memória, o dizível, enquanto a polissemia, admite, permite, abre-se para o “outro”, e a partir daí, temos os deslocamentos de sentidos, ruptura nos processos de significação.

Para entendermos melhor essa relação, propomos a leitura das condições de produção da página Diva da Depressão, que teve seu início no facebook no ano de 2012 e logo, estendeu-se para páginas de *Loja virtual, Blogs, Instagram, Twitter* e recentemente em *livro*. Seus criadores, Filipe Oliveira, Eduardo Camargo e Márcia Corrêa são denominados no blog como profissionais em *designers*, conforme descreveremos o elenco mais adiante. Essas páginas, entre curtidas e seguidores, estimulam a inscrição de mais de 2 milhões de internautas. Nessas páginas da Diva Depressão, onde há referências no item que diz sobre a página, define-se como “*uma personagem bem (ou mal) humorada e que a postagem, assim como sua foto de perfil, não tem vínculo algum com a verdade*”. Assim, como também na página do seu blog, onde há a seguinte citação de si: “*Surgi no facebook e estou também em outras redes sociais. Já virei livro e agora sou blog... O céu é o limite para mim.*” – Depressão, Diva [...] *a Diva traz do facebook o melhor de seu humor e muito mais que você só encontra aqui no blog junto da sua dose diária de recalque e rivotril*. Ainda num pequeno texto que está à página deste blog, intitulado “*A Diva por ela mesma*”, a Diva Depressão assim se define:

Diva Depressão - Não lavo, não passo, não cozinho e nem me depilo só para ir jantar uma pizza. Posso ser boa ou má, a diferença será na roupa que estarei usando, afinal não trato como tweed quem me trata como estampa de oncinha. A Diva é contra qualquer tipo de preconceito, odeie a todos igualmente, não faça distinções.

Já tive muitas dificuldades na vida, mas pedras no caminho? Apenas diamantes e rubis. Pela minha cara você pode achar que sou azeda, mas é apenas o uso excessivo de botox. Como boa Diva que sou, tenho problema com relacionamentos, nunca sei onde esconder o corpo depois...

A única vez que precisei de um homem foi para anotar meu pedido. Afinal, ser Diva é ser independente, só preciso de alguém para polir a prataria, mais nada.

Sou tão caridosa que faço você rir para compensar o quanto você chora pelo seu salário no final do mês. Paris não é o suficiente para tanta depressão. Mentira, é sim.
(in blog : <http://www.divadepressao.com.br/sobre/>)

Pensando na pergunta ou questões que poderiam ser formuladas, evocamos algumas, como por exemplo, a definição do que é ser diva? Que memória de sentidos é evocada nesse excerto, diante a definição de ser *Diva por ela mesma*?

Em nossa sociedade, temos vários imaginários sobre o que seja *diva* – temos as divas da música, divas do cinema e/ou as divas dos cabarés, que são as representadas nas narrativas (fílmicas ou literárias) de ficção, enfim, todas essas divas são compreendidas em suas condições de produção. Por exemplo, na diva da música temos como ícones internacionais as cantoras *Tina Turner, Madonna*; no cinema, temos *Elizabeth Taylor, Marilyn Monroe, Demi Moore*; no cabaré, poderíamos relacionar aqui, como divas, as *chacretes* do programa do Chacrinha, cujo palco encenava o espaço de cabaré, com suas danças e roupas extravagantes, bem como as vedetes do Teatro de Revista, *Virgínia Lane, Renata Fronzzi, Emilinha Borba* dentre outros dos anos 50.

No entanto, tais marcas, como representações imaginárias, conforme é ser diva no/pelo imaginário social, nos daria a ilusão de fechamento de sentidos para/do que é ser diva, isso, se não levássemos em conta uma das noções mais caras à Análise do Discurso, que são *as condições de produção*. Logo, também nessa instância, *o discurso*, vai se configurando enquanto efeito de sentidos.

Para tanto, retomamos a compreensão de Orlandi (2012) acerca do discurso, que o compreende como um processo de formulação, constituição e circulação de sentidos. Pois “é na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito mostra e se esconde” (Idem, p.09). Consideramos assim, uma formulação de *diva*, nas páginas da Diva Depressão, determinada na sua constituição por um dizer anterior, pois de acordo com a autora, *nós só podemos dizer (formular) se nos colocarmos na perceptiva do dizível (interdiscurso, memória)*.

Contudo, mesmo que essa diva da página retome sentidos da constituição de um *já-dito*, temos na repetição da formulação um sentido outro, visto que há uma produção de paráfrase que é atravessada pelo interdiscurso, fazendo emergir o mesmo sentido, e, ao mesmo tempo de modo diferente. Assim, tais condições de produção, pensando com Orlandi (2009), ao retomar Pêcheux, em que especificamos a proposta da Análise do

Discurso neste nosso trabalho, que é a de *se ocupar do dizer e do não dito, do discurso em relação as suas condições de produção e dos efeitos de sentido por e para sujeitos*.

Considerando a definição da Diva Depressão, quer seja, *a diva por ela mesma*, tomamos de Kehl o que ela pontua sobre os discursos hegemônicos da vida contemporânea, que não fazem “nenhuma referência valorativa dos estados de tristeza e da dor de viver, assim como do possível saber a que eles podem conduzir” (Kehl, 2009, p. 16). Com efeito, as reflexões de Fernanda Lunkes (2011), sobre a noção de felicidade e o conceito de depressão, ao pensar o modo como circulam algumas práticas discursivas na sociedade, vem marcando fortemente o imaginário na contemporaneidade, daí compreende-se que o imaginário que é produzido é o de que o sujeito e a sociedade não têm o que aprender com a tristeza, pois estamos numa sociedade de consumo produzida “mais alegre”, portanto, cheia de oferta.

Desse modo, pensando ainda as condições de produção do sujeito da contemporaneidade, tomamos como foco as considerações de Birman sobre o sujeito contemporâneo, em que propõe um traçado da genealogia da arrogância, afirmando que vivemos numa sociedade *marcadamente* arrogante:

o mais interessante no que tange à questão da arrogância é o fato de que ela é uma experiência que, se há 100 anos atrás ou mesmo trinta anos atrás, o qualificativo de *arrogância* tinha um caráter pejorativo, é uma experiência que na contemporaneidade está completamente naturalizada. Isto é, as pessoas são arrogantes sem culpa e sem vergonha. Existe assim uma espécie de naturalização da arrogância e a arrogância como problema está subjacente, numa série de práticas sociais contemporâneas, tão presente que às vezes a gente não se dá conta dela. (BIRMAN,2012 p.01)

Conforme o autor, as práticas sociais contemporâneas têm naturalizado a *arrogância*, porque se antes advinha das diferenças sociais, econômicas, ideológicas, etc., hoje, tais procedimentos são inaceitáveis, visto que em certos espaços/discursos as fronteiras discursivas são apagadas. Assim, se pensarmos no modo como lemos a descrição *diva por ela mesma*, em que se afirma viver numa sociedade espontânea, não submetida às determinações histórico-sociais, em que tudo que se faz, e pelo sujeito onipotente se é convincente ou *delirante*. Desse modo, Birman, ressalta que a arrogância, ao ser tomada como *tomo central da constituição subjetiva*, põe a *questão da perfeição do sujeito num espaço que vai ter que viver a sua conflitualidade*⁵.

⁵ V. BIRMAN, 2012, In : O sujeito da contemporaneidade: espaço, dor e desalento.

Trata-se, a partir de Baldini (2012), do cinismo *enquanto forma de estruturação social e subjetiva na contemporaneidade*. O autor faz uma compreensão a partir de Zizek (1989, p.313), que no cinismo:

ele reconhece, leva em conta o interesse particular que está por trás da universalidade ideológica, a distância que há entre a máscara ideológica e a realidade, mas ainda encontra razões para conservar a máscara. Esse cinismo não é uma postura direta de imoralidade, mais parece a própria moral posta a serviço da imoralidade. (Idem, p.107)

Por essa relação de que o cinismo não é uma postura direta de imoralidade, mais parece a própria moral posta a serviço na Diva Depressão um funcionamento da moral. De modo que, pelo irônico/cínico ela se coloca como arrogante.

Assim, do ponto de vista discursivo, consideramos que, para ser sujeito do que se diz, *sendo assujeitado a significantes com significações determinadas*, é necessária, segundo Mariani (2006), uma pré-inscrição no campo da linguagem (Idem, p.27). E isso, de acordo com a autora, não se realiza de qualquer maneira:

isso se dá na inter-relação entre inconsciente e ideologia tal como Pêcheux preconiza, a subjetividade se constitui na interpelação ideológica e na inscrição-identificação do sujeito na formação discursiva – matriz de sentidos – que o constitui (MARIANI 2006, p.28)

A formação discursiva, como já o sabemos, corresponde ao que se pode e deve ser dito, a partir de um lugar determinado, em uma dada conjuntura. E é por esse olhar discursivo que o sujeito se constitui, por uma matriz de sentido que o determina e o insere *em uma relação imaginária com a “realidade” do que lhe é dado a ser, agir, pensar no plano do teatro da consciência, que o sujeito se encontra submetido à ilusória origem e ao ilusório controle dessa mesma linguagem que o constituiu como sujeito falante*⁶.

Assim, antes de seguir pelas páginas da Diva Depressão, trazemos Orlandi (2004) que, ao refletir sobre a construção simbólica do sujeito da contemporaneidade, diz que, ao ser afetado pelos discursos da globalização e das novas tecnologias, surge uma reinvenção do capitalismo, mas que essa reinvenção não vem de modo algum abalar a forma histórica do sujeito (capitalista), ou seja, ainda que as práticas sejam renovadas, os deslocamentos sempre vão acontecer.

⁶ Cf. MARIANI, 2006 sobre os Sentidos de subjetividade: imprensa e psicanálise.

A exemplo disso, na descrição que é formulada sobre “quem somos” na página da Loja, a *Diva Depressão* circunscreve-se como uma personagem que veio de uma página do facebook, mas que se expandiu, e agora virou uma marca, uma grife: *Diva Depressão é também uma marca, e produz t-shirts divônicas*. Desse modo, para falar das camisetas da Diva, ela (Diva Depressão) usa o termo *t-shirts divônicas*, isto é, camisetas de Divas, conforme vemos no excerto abaixo:

*Todas as estampas são criadas por nós mesmos! Quem? As Divas por trás da **Diva Depressão** é claro. Com um pouco da boa vontade dos softwares, papéis, canetas e uma mente criativa, criamos cada estampa especialmente para você. E não é mentira, confiamos tanto no nosso trabalho que não só vendemos **Diva Depressão**, mas também consumimos. O cinema clássico é a nossa maior fonte de inspiração, mas não nos deixamos limitar por isso, só expandir. Afinal, pode até ser que você encontre mais do mesmo por aí, mas a Diva tem sua própria identidade.*

Como pudemos observar, pela descrição acima, além de se estabelecer como uma marca, a *Diva Depressão* e/ou as *Divas Depressão* são produtoras e vendedoras das camisetas com suas estampas. E, apesar de atribuírem a inspiração das estampas ao cinema clássico, afirmam-se, nas estampas, pela contradição, ao dizerem, possuir uma ‘identidade’ própria. Por essa contradição, temos outra questão bem marcada quando diz “mais do mesmo por aí”, vemos aqui a questão da originalidade, da marca Diva Depressão, em se reafirmar no mercado como única, sem cópias, isto é, tudo que tem mais do mesmo por aí, não é igual a nós (da Diva), pois temos a nossa identidade. Dá-se um efeito de grife original que desliza/contradiz no momento em que atribui à inspiração ao cinema clássico.

A contradição é concebida, pela Análise do Discurso, por uma noção de real que se tem pela relação entre a língua e a história, em que o real da língua está sujeito a falhas, e o real da história sujeito a rupturas, ao equívoco. Desse modo busca-se compreender o “real da história como uma contradição da qual o impossível não seria foracluído” (Gadet e Pêcheux, [1981] 2010, p.52). Assim, aos se inscreverem nessa relação, os processos discursivos mantêm entre si contradições, pois são “a fonte de produção dos efeitos de sentido” (Pêcheux, 1975 p. 243), e a língua, por sua vez, “constitui o lugar material de onde se realizam estes efeitos de sentido” (Ibid.243).

A contradição, então, afeta os sentidos, ou melhor, os seus processos de produção, e isso se dá pelo fato do discurso poder se inscrever em outras/diferentes

formações discursivas. E, segundo o autor, o lugar em que o discurso se torna possível é o da materialidade da língua.

Seguindo e voltando pelos modos como as definições da/sobre a Diva Depressão se constroem, nos deparamos com a descrição de seu elenco, elenco este, que pressupomos, a partir da descrição abaixo, serem os criadores da página. Esses criadores são quatro integrantes, são biografados no blog de modo muito particular, como vemos: *Filipe é Designer Gráfico, também é modelo/ator (só que não) e estudante (só que sim). Piadista desde sempre, abusa do duplo sentido e do humor negro, fazendo as pessoas rirem ou chorarem (ou os dois). Apaixonado por música e pelas divas retrô, criou a Diva Depressão apenas para conseguir entrar de graça em baladas e falar mal dos outros ganhando algo em troca. Márcia é Designer (não de sobancelha), não bebe, não fuma e nunca vendeu sua alma. Não gosta de televisão, só assiste para ver documentários sobre guerras, saúde e geralmente sobre animais pois a fazem compreender melhor as pessoas ao seu redor. Gosta de ler sobre filosofia e religião, ou seja, não sabemos o que ela veio fazer aqui. Eduardo é Designer Gráfico e Ilustrador. Inimigo número 1 da matemática, sempre preferiu desenhar a professora no fundo do caderno do que fazer os cálculos em aula. Grande amante do design, cinema, música e livros, é conhecido por seu humor negro e irreverente. Utiliza a Diva Depressão como uma sessão de descarrego, o que não se pode falar na cara, vira conteúdo. Recomendações: não fale mal da Madonna perto dele e nem tente puxar assunto enquanto ele estiver de fones de ouvido. Isabel é advogada, consumidora compulsiva de tecnologia e uma quase nerd. Lê, assiste e ouve de tudo sem preconceitos, afinal, nada é tão ruim que não mereça uma passada de olhos, uma careta ou um comentário sarcástico subsequente, claro! Com muitas informações acumuladas somadas às diariamente adquiridas, o jeito é compartilhar algumas com os leitores da Diva Depressão...⁷.*

Para tratar da escrita irônica, conforme se materializa nas páginas, nos apoiamos em Orlandi (2012), quem a define “não como desvio, mas como instauração de um outro modo de interlocução, ou melhor, de um outro tipo de discurso, outro funcionamento, consideramos que este modo configura outro estado de mundo”. Segundo a autora, a característica básica da ironia é o jogo que faz em relação ao estado de mundo – o cristalizado com outros estados de mundo. No entanto, “não consideramos a existência

⁷ Biografia descrita no blog, a autoria da descrição não sabemos ao certo definir, mas pressupomos que seja da própria página, ou seja, feita por um de seus criadores – in <http://www.divadepressao.com.br>.

de um estado de mundo irônico, já dado, e depois uma maneira de expressá-lo pela linguagem, *mas um estado de mundo que se diz irônico*” (Idem, p.25).

Desse modo, compreendemos a ironia, não apenas como um "meio expressivo" ou uma figura de linguagem, mas como um funcionamento discursivo, regido pela naturalização de sentidos pela ideologia. A ironia constitui um estado de mundo. Ou seja, do mesmo modo que não consideramos que há um só conteúdo e uma só expressão, separados, não há, segundo a autora, esta separação entre sujeito/linguagem/mundo. Eles se constituem em suas relações, quando consideramos *os processos de significação*.

Nesse sentido, os processos de significação sob o efeito de ironia, do deboche, da negação podem circunscrever um estado *de mundo* outro, isto é, uma formação discursiva outra (s) nas páginas *Diva Depressão*. Não só o estado de mundo capitalista, que nos já é evidenciado a partir da comercialização inclusive desses discursos, mas também outros sentidos produzidos pela ironia da negação, cujos discursos vêm rompendo com o sentido da *diva/depressão* e desviando, dispersando para outros sentidos, outros os quais compreendemos que *se constituem do mesmo*. Esse funcionamento discursivo da ironia, buscaremos melhor compreender em nossa análise.

Nessa direção, consideramos, com Orlandi (2012), que esses discursos estão relacionados à tensão entre paráfrase e polissemia, ou seja, *nos eixos que constituem o movimento da significação entre a diferença e a repetição*. Assim, enquanto a paráfrase está para a constituição do mesmo, ou seja, do mesmo que produz diferentes formulações para *diva/depressão* e que sempre se remeterá ao mesmo do dizer. Já a polissemia define-se pelos sentidos que se rompem, se deslocam nos processos de significação para produzir *o novo* (do mesmo).

Por esse viés de compreensão que perguntamos pela incompletude da linguagem/sujeito, bem como pela necessidade de completude, que nos impõe considerar diferentes *versões* de formulações e sentidos para a *diva/depressão*. Por versão e/ou versões, compreendemos a partir de Orlandi (2012), a linguagem enquanto texto, na sua relação com a própria textualidade, em suas palavras, a versão tende a formular-se textualmente, a dar corpo ao texto: “De um lado, o texto – injunção de dimensionamento do discurso (relação com a linearidade) – é restrição. De outro, pela textualidade, a possibilidade mesma da formulação em suas diferentes materialidades, abre-se para versões possíveis. Variança.” (Idem, p.17). Desse modo, as versões são as varianças que um material produz pela paráfrase/polissemia. Pela descrição da *Diva Depressão*, o que temos compreendido nessas páginas são versões para *diva/depressão*. Nosso trabalho,

então, é o de compreender pela linguagem, em seu processo de significação, as versões e os deslocamentos/filiações discursivos da página Diva Depressão.

De acordo com Fedatto (2014, p.01), na tessitura do seu trabalho em “Formas de dizer *não* e outros conflitos”, ao reler um artigo de Freud (1925) sobre a denegação, a autora nos lança a hipótese de considerar que “*em toda negação podemos escutar uma afirmação*”. Nesse sentido, propomos a leitura de imagens/escrita da Loja virtual, conforme estampadas em camisetas marcadas pela negação, e então perguntamos pelos sentidos que se mostram ou se escondem, nessas formulações que negam?

Vejamos, a seguir:



QUATRO MODELAGENS DIFERENTES



FRETE GRÁTIS
PARA 2 OU + T-SHIRTS

se não

FOR PRA

CAUSAR

NEM VOU

WWW.LOJADIVADEPRESSAO.COM.BR



Para compreender o funcionamento do discurso nessas imagens, é preciso discutir *a relação contraditória da linguagem com a exterioridade*. Segundo Orlandi (2012), essa é a regularidade da teoria (AD), a função dessa relação contraditória da linguagem com a exterioridade, pois não partimos de uma análise de conteúdo, ou seja, da exterioridade para o texto, mas ao inverso, procura-se compreender essa exterioridade pela maneira como os sentidos trabalham no texto, em sua discursividade, (pensando a linguagem em sua forma material). Assim, pelo fato de que os dizeres estão marcados pela reafirmação da negação, compreendemos que aí está a evidência do sentido, ou seja, o lugar em que a ideologia já vem funcionando como condição necessária para que se instaure o deslocamento de sentidos, o equívoco, o non-sense (sentido outro).

No entanto, faz-se necessário, nesse ponto, esclarecer o olhar analítico de Fedatto, sobre o não-sentido:

diferente do sem-sentido, que é aquilo que não tem sentido numa determinada condição histórica. O não-sentido é o que, pelo trabalho da história e pelo deslize da linguagem, pode vir a fazer sentido. Já o nada seria o que não fez sentido no não-sentido. É o que sobra na possibilidade de fazer sentido do não-sentido, é o resto. (Fedatto, 2014 p.12)

Orlandi (2008) tem considerado uma outra vertente do *não-dito*, ou seja, pelo silêncio, quando afirma “ vale dizer que o silêncio a que nos referimos não é visto apenas na sua “negatividade”. O silêncio *é*. No silêncio, o sentido *é*. Há história no silêncio porque há sentido no silêncio” (Idem, p.58). Desse modo, temos pressuposto que a negação de sentidos inscrita/escrita nessas imagens, retoma, faz intervir algo da ordem da memória (história), que se instaura entre o que é dito e o que não é dito. Por essa distinção, a autora compreende três formas de silêncio: o silêncio fundador; o silêncio constitutivo; o silêncio local:

sendo, esses dois últimos, parte do que *chamamos política do silêncio* já que imprimem um recorte (entre o dito e o não dito), no seu modo de significar, inscrevendo-se, portanto, no domínio do poder-dizer; (Orlandi, 2008 p.58;59). Já o silêncio fundador não estabelece nenhuma divisão: ele significa em (por) si mesmo. (Orlandi, 2007 p. 73)

Na compreensão de Fedatto (2014), do ponto de vista discursivo, quando analisamos todas as formas de dizeres, *devemos procurar o “não” que se diz e o “não” que não se diz*, pois que pode significar como *oposição, recusa, inversão, censura, apagamento etc.* *Dizer não* de acordo com a autora, é, nesse sentido, um desafio, porque marca justamente a existência do conflito e da resistência. É nesse sentido, que Fedatto vem compreendendo em seu trabalho - sob a ótica de Lagazzi (1988), em o ‘*Desafio de dizer não*’, as relações pessoais do nosso dia a dia, pois que, são atravessadas por relações de poder, por compromissos entre direitos e deveres e que é na linguagem que o sujeito se manifesta para lidar com esse poder, logo para resistir.

Ou seja, a negação seria a possibilidade pela linguagem “a luta incessante com as palavras e que vai produzindo os deslocamentos que a história permite [...] assim é pela língua, por meio de sua materialidade que a resistência pode se manifestar” (Fedatto 2014, p.13)

Nessa direção, se considerarmos o conflito de existência do sujeito depressivo da atualidade, que segundo Kehl (2009), se dá quando se sente culpado por não ser capaz de ‘gozar’ quanto ele deveria, ou seja, não corresponde à demanda que lhe é imposta, para

nós, a interpelação pela forma social sujeito histórica (capitalista). Assim como diz Pêcheux, *o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia*. Ou seja:

Uma vez interpelado em sujeito pela ideologia em um processo simbólico, o indivíduo, agora como sujeito, determina-se pelo modo como, na história, terá sua forma individual concreta: no caso do capitalismo, que é o caso presente, a forma de um indivíduo livre de coerções e responsável, que deve assim responder, como sujeito jurídico (sujeito de direitos e deveres) diante do Estado e de outros homens. Nesse passo resta pouco visível sua constituição pelo simbólico, pela ideologia. Temos o sujeito individualizado, caracterizado pelo percurso bio-psico-social. O que fica de fora quando se pensa o sujeito já individualizado é justamente o simbólico, o histórico e a ideologia, que tornam possível a interpelação do indivíduo em sujeito. (Ibid. p.04)

Assim, segundo Kehl, por essa exigência (demanda capitalista) não ter sido suficiente para acabar com os sintomas depressivos, surge nesse contexto - a depressão como um *sintoma social*.

Em contrapartida, pressupomos que a produção do discurso sobre a *depressão* na rede se dá pela ironia, pela negação, ou seja, por um funcionamento discursivo que é constituído por uma história/ideologia manifesta na/pela linguagem. Daí que perguntamos pelos sentidos que resistem na mídia sobre a depressão, esse discurso “sobre”, denegado, está filiado a que constituição de memória? Que sujeito é esse que se afirma como *Diva* pela negação? Como se dá a relação discursiva entre os sentidos de *depressão* e a *diva* construída enquanto sujeito da depressão?

Assim, consideramos as reflexões de Orlandi (2012) ao afirmar a ironia “leva-nos à compreensão de que, para o estudo da significação, importa tanto aquilo que é construção como o que é processo de autodestruição do sentido”, ou seja, a destruição do sentido para a autora, também é visto como um processo constitutivo da linguagem, na construção de outros sentidos. Partindo dessa perspectiva, tomaremos a ironia como o funcionamento discursivo que se dá pela negação, pois que, pressupomos um sujeito que se inscreve pela/na ironia para se significar, se subjetiva na negação, e logo, sem se dar conta, desliza, escorrega na tensão própria da linguagem, entre paráfrases e polissemias.

CAPÍTULO II: NA INSTÂNCIA DO EU COMO NÃO-EU - O OUTRO

2.1 – Da Subjetividade, o Outro: uma abordagem discursiva

Quando se fala em subjetividade pelo olhar da Análise do Discurso, consideramos a relação constitutiva do sujeito com o simbólico em que *se é sujeito pelo assujeitamento à língua, na história*.

Desse modo, segundo Orlandi (2012), a subjetividade está estruturada no acontecimento do discurso, ou seja, interessa-nos discursivamente a subjetividade pelo fato de compreendermos como *a língua acontece no homem*. Por exemplo, podemos começar por tomar a ideologia como a condição fundamental para compreendermos o processo de constituição do sujeito pela linguagem. Assim, para que se produza seu dizer, *o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia*, ou seja, para se significar o sujeito submete-se à língua, põe-se na significância *pelo simbólico na história*.

A partir daí Orlandi afirma que a questão da subjetivação do/no sujeito não é quantificável, mas sim ordem do qualificável, pois que *não se é pouco ou muito subjetivado*, não se quantifica o assujeitamento, como vemos:

ele diz respeito à natureza da subjetividade, à qualificação do sujeito pela sua relação constitutiva com o simbólico” [...] “e não há nem sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua, sem isto, não tem como subjetivar-se. (ORLANDI 2012, p.100)

É pelo assujeitamento à língua que desfazemos as *evidências subjetivas*, a evidência do sujeito e do sentido, as evidências do sentido único e *a de que somos sempre já sujeitos*. Também as da suposição de um sujeito – “eu”/ego-imaginário que se porta como indiviso, origem de um dizer sem falhas e que pode, assim, desempenhar diferentes “papéis” linguísticos⁸. Mas segundo Orlandi (2012), o sujeito é determinado e dividido materialmente desde sua constituição: *ele é sujeito de e é sujeito á. Sujeito à língua e à história*, pois se ele não se submeter a elas, *não se constitui, não fala, não produz sentidos*. (Idem, p.50). Assim, ao passar para a ordem do discursivo, o sujeito é atravessado por

⁸ V. em Authier Revuz (1995), em sua crítica a esse sujeito não-dividido.

uma ideologia e toma uma posição, “não é uma forma de subjetividade, mas ocupa um “lugar” para ser sujeito do que diz⁹”.

Esse lugar que o sujeito ocupa, diz respeito as formações discursivas, que podem ser heterogêneas, quando as *diferentes inscrições do sujeito resultam de sua inscrição em diferentes redes de sentidos*. No complexo jogo dessas inscrições, quando o sujeito enuncia, ele o faz pelo atravessamento do *Outro*, que pode se dar de modo constitutivo ou mostrado. Para compreendermos essas relações no interior do discurso, partiremos das noções sobre heterogeneidades por Authier-Revuz (1990) que as tomam como sendo constitutivas e mostradas.

Pela temática das heterogeneidades, Authier (1990) concebe um sujeito descentrado, em que o *Outro* tem um papel decisivo no discurso do *Eu*, assim, ao tomar a heterogeneidade como fundante, autora vem compreender que a linguagem é heterogênea em sua própria constituição. Pois “nenhuma palavra é neutra, mas inevitavelmente “carregada”, “habitada”, “ocupada”, “atravessada” pelos discursos nos quais viveu sua existência socialmente sustentada” (Idem, p.03).

Assim, ao analisar os processos enunciativos, a autora diz que *constitutivamente, no sujeito, em seu discurso, há o Outro* e que esse se dá de modo inconsciente. Desse modo, considerando pela Análise do Discurso, compreendemos que todo dizer é atravessado por uma cadeia discursiva, marcado por sua relação com o interdiscurso, ou seja, *o sujeito da linguagem é determinado por sua relação com a exterioridade*. Essa presença do Outro se dá no reencontro das concepções do discurso - do interdiscurso, da ideologia, da alteridade.

Nesse sentido, falar do dizer, especificamente da escrita na página *Diva Depressão*, em uma perspectiva discursiva, a vemos nessa contradição entre a linguagem e o seu fora, isto é, *uma forma de relação social, sendo a letra o traço da entrada do sujeito no simbólico*. “Traço que marca o sujeito enquanto sujeito, em sua possibilidade de autoria, frente à escrita” (Orlandi (2001, p.204). Ainda, conforme Orlandi (2002, p. 233), “a escrita especifica a natureza da memória, ou seja, define o estatuto da memória (o saber discursivo que determina a produção dos sentidos e a posição dos sujeitos), definindo assim, pelo menos em parte, os processos de individualização do sujeito”. Desse modo, compreendemos que é pelo processo da escrita/de dizer que o sujeito se subjetiva, ocupando determinadas posições-sujeito.

⁹ Aqui Orlandi (2009), retoma M.Foucault (1969) para dizer é a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz.

Por esse olhar, compreendemos um sujeito *Diva* que busca na/pela escritura negativista sobre si, construir uma identidade, esta que se dá partir das suas relações com o outro pelo seu constante movimento entre a singularidade e a alteridade. Vale dizer então que, nesse contexto, as palavras se desdobram a partir de um já-dito, há um confronto com outros dizeres, outras formações discursivas. O próprio modo como está inscrito, de forma negativa, já pressupõe, em sua premissa a presença do (o) *Outro*.

Neste processo constitutivo da linguagem, Authier-Revuz (1990), aprofunda seus estudos sobre o conceito de heterogeneidades, especificando-as como a mostrada e a (não) - marcada. Assim tem-se as formas de heterogeneidade mostrada que vem a se inscrever de forma explícita, compreendida como uma exterioridade social, como a voz do *outro* que pode ser identificada na materialidade linguística. Por sua vez, aparece como formas marcadas (unívocas), as que se apresentam em *discurso direto, aspas (citações), formas de retoque, incisos de glosa, itálicos, entonação específica, comentários, ajustamentos, remissão a um outro discurso*, funcionando como *marcas de uma atividade de controle/regulagem do processo de comunicação*.

Retomemos parte do excerto da definição de *Diva por ela mesma* (p.21), para compreendermos os deslizamentos promovidos pelas marcas linguísticas inscritas, em itálico. Vejamos. Quando a *Diva* inicia a descrição “por ela mesma”, faz em 1ª pessoa, dizendo: *não lavo, não passo, não cozinho*; logo recai para 3ª pessoa: *A Diva é contra qualquer tipo de preconceito (...)*; e ainda na continuação desse enunciado (em terceira pessoa), entra outra voz em 2ª pessoa (forma imperativa) para dizer: (...) *odeie todos igualmente, não faça distinções*, voltando no próximo parágrafo para 1ª pessoa: *Já tive muitas dificuldades na vida, mas pedras no caminho? Apenas diamantes e rubis*.

Gramaticalmente, podemos trazer a evidencia das conjugações de pessoas 1ª, 2ª, 3ª e 1ª, contudo, discursivamente, o que compreendemos nessa formulação é uma multiplicidade de eu(s) que se dizem, como que ocupando o lugar do *Outro*, que habitado a *Diva* que também diz “por ela mesma”.

Assim, pode-se afirmar que a heterogeneidade de não-coincidência entre os sujeitos – os eus – da língua e aquele que fala apresenta-se, de acordo com Authier, como formas materiais marcadas, aquelas:

(...)pelas quais se altera a unicidade aparente do fio do discurso, pois elas aí inscrevem o “outro”. Essas formas representam “uma negociação com as forças centrífugas, de desagregação, da heterogeneidade constitutiva: elas constroem, no desconhecimento

desta, uma representação da enunciação que, por ser ilusória, é uma proteção necessária para que um discurso seja mantido” (J.Authier,*idem*, p.46)

Assim o que percebemos na definição da Diva, pelas condições de produção do virtual, é que não há um lugar fixo para o “eu”, e nem tampouco para o “outro”. O espaço virtual possui uma característica de escrita interminável/incompleta, uma materialidade suturada de lacunas, de diferentes nós, de ausências, que remetem, constantemente a outros eu(s) e (O)outro(s). Assim, autor e leitor são posições nem sempre distintas, mas complementares, de um mesmo processo em que a alteridade constitui, irremediavelmente, esse processo. A alteridade se mostra justamente na desestabilização, na tentativa da produção de um discurso homogêneo e de “um só” sujeito dono de “um só” discurso e próprio.

Nessas formas de heterogeneidades, segundo Orlandi (1998), o sujeito se apresenta como tendo domínio do que é seu e do que é do outro, no “seu” dizer”. Ou seja, *são formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso*. Assim, nesse modo de formular, a heterogeneidade traz o visível, o mostrado, que pela compreensão discursiva corresponde ao “*dizível*”. E esse dizível, de acordo com a autora, é compreendido para o sujeito, por sua relação entre as distintas formações discursivas. O jogo de formações discursivas expõe o objeto à sua exterioridade, isto é, à relação com o *isso-fala/ sentido já-lá*, correspondente do interdiscurso, do Outro.

Temos, no entanto, formas mais complexas, que são definidas pelas heterogeneidades mostradas, a não marcada. Nesta, a presença do (o)Outro não é explicitada por marcas linguísticas (unívocas), pois que exige a reconstituição da heterogeneidade a partir da ironia, do discurso indireto livre, etc. Em resumo, compreende-se como formas marcadas as que se encontram explícitas por marcas na língua e as não-marcadas, por não serem explícitas, pois pedem o reconhecimento da presença de um outro discurso.

Quanto a heterogeneidade constitutiva, conforme Authier (1990), ela não se dá de forma mostrada porque ela é da ordem do inconsciente, logo não é palpável/localizável. Nesse ponto, temos a contribuição de LEITE (2007), que considera esse Outro, a partir de Lacan, também enquanto lugar de representação do *inconsciente*, mas

que sendo *estruturado como uma linguagem, se desdobra nos efeitos de linguagem*. (Idem, p.11).

Assim, pelo viés discursivo, compreendemos o Outro somente pela exterioridade, ou seja, por algo que fala fora do sujeito, mas que o constitui, de acordo com Pêcheux (1988), é um sujeito que não se pertence porque se constitui pelo esquecimento daquilo que já o determina - da sua significação na interpelação do indivíduo em sujeito pelo seu próprio discurso. Ele não é *a priori*, não é centro nem origem de seu dizer, pois significa-se e ressignifica-se pelo ponto de partida do Outro, *da alteridade, da linguagem, da historicidade, (da memória)*¹⁰. Há sempre vozes outras, sujeitos outros, discursos sócio históricos, ideológicos *constituídos anteriores e exteriores ao sujeito*.

Desse modo, pensamos a *Diva Depressão* numa relação de escrita que se produz pelo efeito do Outro, pelo movimento da alteridade que é constitutivo do sujeito, que *o impele a escrever, como uma forma de suplantar uma falta sempre presente* inserindo-a num discurso inscrito no já dito na/da formulação da língua. Pois a concebemos pelo discurso “como uma memória histórica (...) que se mantém, mesmo difusa, e retorna na prática da linguagem, participando, desse modo, da constituição do sujeito da linguagem (PAYER,1999 p.07). Assim, enquanto *Diva Depressão* se coloca como uma *personagem fictícia*, que não imita nada, já nesse ápice, no limite de se negar, filia-se às redes significantes da memória discursiva, sem se dar conta que este discurso é o que possibilita todo esse dizer.

Para melhor exposição, propomos as imagens abaixo, do site da loja:

¹⁰ In MARIANI, 2003, pg. 62



Não
Sou
ULTRAPASSADA
Um
Clássico



Eu
sou
a
Diva
que
você
quer
Copiar

Em termos discursivos, o que nos interessa é esse movimento de dizeres já ditos da memória que está afetada pelo esquecimento, pois, assim, como a língua está sujeita a falhas, a memória também é constituída pelo esquecimento;¹¹ Daí, vem a ideologia, segundo M. Pêcheux (1982), é um ritual com falhas, sujeito a equívoco, de modo que, do *já dito* e esquecido, irrompe o novo, o irrealizado.

O lugar do irrealizado, o compreendemos a partir de Orlandi (2012), como algo inerente à linguagem, isto é, referimo-nos à incompletude, ao real da língua, a partir do que sujeito e sentidos se estruturam. Segundo a autora, essa incompletude “é o lugar do possível, do irrealizado, do vir a ser, do sentido outro, indicando que o sentido não se fecha, assim como o sujeito também é itinerante/errante” (Idem, p.88). Isso se dá pela abertura do simbólico, dado o seu constante movimento na história.

Assim, compreendemos o material de leitura, como um modo de exposição de algo (o desejo) que *Diva* – o sujeito- conforme individuado nesse discurso, não alcança. É a exposição do que se coloca como impossível à realização de quem diz, porque o sujeito está estruturado pelas redes significantes, a língua, também na sua relação com a história. Os sentidos são marcados por essa incompletude que constitui a memória discursiva do sujeito, da *Diva* que não é “*ultrassapada*” e “*que você quer copiar*”. Assim, poderíamos relacionar a mesma definição do dicionário sobre o que é ser *diva*, descrita como: *uma deusa; uma mulher formosa e/ou uma cantora célebre*. Ou seja, uma *diva* que muitas mulheres gostariam de ser. Esses sentidos estão, inclusive, na imagem da personagem Odete Roitman, que é interpretada pela atriz Beatriz Segall na novela Vale Tudo, em que fazia o papel de vilã. Compreendemos, por relação parafrástica, a atualização da memória discursiva que sustenta o que é ser uma *Diva*. Há na imagem uma quebra do funcionamento discursivo em relação à memória, considerando o imaginário de que as *divas* são sempre belas, delicadas, gentis e boas. Em representando a Odete Roitman, a imagem rompe com esse imaginário e apresenta também uma *Diva* vilã, evidenciando e legitimando a forma sob o peso do clássico.

Seguindo, numa perspectiva discursiva, segundo Pêcheux (1990), todo acontecimento discursivo, pode causar uma mudança nas redes de filiação discursivas. Nesse sentido, ao analisar os acontecimentos na história da documentação de dicionários, NUNES (2008) nos leva a reflexão de que:

¹¹ In Papel da Memória : Maio de 1958: Os silêncios da memória

o jogo entre a memória e a atualidade, considera tanto os fatos que sustentam a estabilidade dos sentidos dicionarísticos, quanto os que abalam, produzem uma deriva dos sentidos, que se dá diante da alteridade discursiva.

Desse modo, no trajeto de leitura dos dizeres da *Diva Depressão*, no modo como se afirma de forma negativa, negando, supomos pela ausência, sentidos que estão *presentes*, pois, *sabemos que já estão lá*, determinados por suas relações com a língua na história.

É importante ressaltar, nesse passo, o que nos diz Orlandi (2012), a respeito do sujeito em relação a sua necessidade pela homogeneização lógica, da necessidade que temos em instaurar *um mundo semanticamente normal, estabilizado*. No entanto, não haveria essa possibilidade se não levássemos em conta as condições de produção, na sua relação com a historicidade textualizada na língua, pois, é nesse jogo, que acontece o movimento em relação à constituição dos sentidos e do sujeito.

2.2 A negação que afirma uma outra memória Diva:

Pensando no modo como a “Diva” se constitui pela negação no espaço da internet, no modo como o sujeito de linguagem diz de si na linguagem, compreendemos um sujeito que se diz no que não é para afirmar-se, ou seja, se afirma pelo que nega, e esse modo de estrutura do sujeito, nas redes significantes, resiste à constituição fazendo com que ressoem sentidos que materializam essa relação entre língua, sujeito e história. E esse “ressoar” de sentidos só é possível segundo Indursky (1997), pela memória discursiva, pois: é a “memória discursiva que permite relacionar o que é dito na sequência discursiva com o dizer de outros discursos”. (Idem, p. 49). Desse modo, é a memória que vem dar sustentação aos sentidos produzidos no modo como atua, como “algo pré-existente e exterior” e que funciona “sob a forma de retorno” (Mittmann, 2008, p. 119).

Nesse sentido, as condições de produção da página *Diva Depressão*, são regidas pelo imaginário da flexibilidade e da conectividade, como nos diz Dias (2013), em relação ao que a sociedade contemporânea em rede produz, como “um efeito de completude do sujeito cujo imaginário é de uma totalidade da memória que se dá como possibilidade do “ser inteiro”” (idem, p.30). Daí vem o esforço em compreender os processos de identificação do sujeito na/pelas redes significantes a partir das formas fragmentadas de

dizer de si, como se fossem totais e acabadas. O excesso do reforço na negação nos escapa como algo já dado, latente, mas que volta nesse espaço de modo diferente.

No que concerne a máquina em si, o operador que dá o suporte à rede:

não se trata de um acontecimento cuja lembrança produziu uma memória num tempo outro, trata-se de um acontecimento estabilizado num tempo específico, jamais esquecido, por isso, capaz de reprodução (DIAS, 2013, p. 69).

Por esse olhar, podemos dizer que esse suporte (máquina) *não tem inconsciente, tem bits*. Outrossim, compreendemos que esse suporte está sob o comando de alguém, e este, também regido, por uma ideologia/inconsciente, fazendo-o emergir as contradições, da linguagem constituídos na/pela história. O dizeres que circulam na internet, em específico, na página “Diva Depressão”, podem se atualizar (a memória) de muitas formas, por vezes imprevistos, outras pelo modo mesmo como se espera, conforme dado pela memória discursiva:

[...] ainda que aparente – à beira do qual o sujeito tende a ser lançado contemporaneamente. Como todo instante (atualidade) está necessariamente inscrito em uma sequência (história), há sempre possibilidade de haver pontos de fuga. (FEDATTO, 2014 p.11)

Nesse ponto, vale a pena ressaltar que além da Diva Depressão, há outras páginas que circulam na internet com essa mesma predicação ‘depressão’, como por exemplo: Direito da Depressão, Arte da Depressão, Letras da Depressão, Linguística da Depressão, etc. De modo que essas páginas, assim como nos posts da Diva, também são marcadas pela ironia, pelo deboche de dizer dessas áreas. Daí compreendermos que a noção de depressão se inscreve no funcionamento dessas séries, de modo que não sabemos qual foi a primeira página que designou essa série, mas a “depressão” aqui, significa de modo muito particular. Ou seja, a Diva Depressão está situada dentro dessa série, dessas páginas, e estas vêm significar a “depressão” na rede, enquanto rede. Ao definir a noção de depressão na/para rede, no modo como vai predicando os diferentes espaços, o predicativo vai constituindo uma discursividade própria da rede.

Nesse sentido, compreendemos o sujeito da contemporaneidade, no modo como se estrutura pelo virtual, para resistir ao estabilizado, sustentando-se *na necessidade de conexão, de velocidade e da completude*, mas que *estão sempre relacionados à natureza*

da linguagem. Desse modo, segundo a autora, a negação vem como um modo de se subjetivar na contemporaneidade, em que o sujeito busca pelo mover do virtual, escapar-se do efeito instantâneo e fixo da máquina, adequando-se à demanda imposta (contemporânea) de ser sempre atual e flexível.

No movimento da escrita de si na contemporaneidade passa a projetar um “eu” que demanda a construção de uma imagem voltada para o (o)Outro. Em análise do discurso, compreendemos na materialização da língua um sujeito que enuncia não por si mesmo, ou seja, na sua individualidade, mas sim interpelado pela ideologia e descentrado pelo inconsciente, retornando sempre na forma de um pré-construído, pela linguagem.

O pré-construído é pensado por Pêcheux (1997), como um funcionamento do interdiscurso que, por sua vez, é o espaço discursivo onde se regionalizam e são acionados outros discursos, postos em circulação, conforme filiados à cada formação discursiva. Por esse movimento, que conforme Orlandi, (2007) pode ser tomado como sendo o próprio da memória discursiva, o já-dito, os sentidos que nos determinam historicamente e que estão em nós, retornam e se atualizam pela língua, sob a forma desse pré-construído, dessa memória.

Como vemos abaixo, a língua, no site da loja Diva Depressão, produz sentidos a partir de um pré-constituído, sob uma nova forma contemporânea de dizer que se inscreve na materialidade linguística pela negação e ironia, marcando assim, “uma” formação ideológica (e não outra) dominante dessa conjuntura. Para compreensão, propomos a leitura da página Diva Depressão abaixo:



A página acima atualiza da memória discursiva duas das representações imaginárias sobre a mulher, sob a forma do pré-construído: a mulher submissa ao homem, portanto sua serviçal; e a mulher frágil, dócil em seus gestos femininos. No entanto, a figura nega frontalmente esses imaginários, à medida que a formulação *Não sou obrigada!*, ressoa como um enunciado da mulher, como quem não se submetendo a ninguém, tampouco se obrigando a alguma coisa. Ao mesmo tempo, os sentidos de fragilidade e doçura femininas retornam, pela negação, ironia, no gesto pouco delicado de se exhibir a força, o muque.

Compreendemos que os sujeitos se constituem na relação com o (o)Outro, na luta incessante pelos sentidos, pelas formas de significação. Assim, consideramos que, do ponto de vista discursivo, a negação funciona mesmo quando a formulação negativa não é explicitamente materializada, visto que se explicita pelo funcionamento do não-dito. A presença da ausência faz suscitar/significar o que se afirma pela *inversão, oposição, recusa, censura ou apagamento* dos sentidos da memória discursiva. Desse modo, entendemos que tudo o que é dito tem história e se dá como repetição.

As condições de produção desse site, e considerando os modos de interpelação do indivíduo em sujeito na língua, pela ideologia, impõem a reprodução do discurso feminista. Tal reprodução está materializada em afirmações, na página, de que toda mulher deve ser diva, pois não é obrigada a nada.

Ao tomarmos a descrição do perfil Diva na página, encontramos, pela negação, a sua definição: [...] “Não lavo, não passo, não cozinho. A única vez que precisei de um homem foi para anotar meu pedido. Afinal, ser Diva é ser independente, só preciso de alguém para polir a prataria, mais nada”. Nesse recorte, temos em funcionamento os sentidos do pré-construído, sobre os quais falamos anteriormente, como um arquivo de imaginários sobre a mulher. Ao negar essa memória, a página significa a liberdade, a independência almejada para a mulher (Diva) em nossa sociedade. Ao considerar que os sentidos da/para a mulher se constroem na história, vemos que na página Diva Depressão, faz funcionar uma memória pela negação de seus pressupostos ideológicos, portanto, significando a mulher na relação com o Outro.

Para fazer um contraponto com as imagens da Diva Depressão em relação aos sentidos dados para/da mulher, propomos a análise de um Guia feito para mulher da dec. de 50. Este guia foi encontrado durante nossas pesquisas, num site denominado Awebic¹².

Assim, os imaginários que povoam a memória discursiva sobre a mulher, conforme os sentidos naturalizados ideologicamente, se materializam nesse Guia, de 1950, onde constam regras para que as mulheres sejam “boas esposas”. Vejamos:

¹² Segundo o site, Awebic foi criado com a missão de chamar atenção para as coisas importantes, trazendo links como ambiente, cultura, animais, humanidade, etc; E nesse site foi onde encontramos, dentre suas postagens, esse Guia para mulher de 1950;



1. Tenha o jantar sempre pronto. Planeje com antecedência. Esta é uma maneira de deixa-lo saber que se importa com ele e com suas necessidades.



2. Separe 15 minutos para descansar, assim você estará revigorada quando ele chegar. 3. Retoque a maquiagem, ponha fita no cabelo e pareça animada. 4. Seja amável e interessante para ele. Seu dia foi chato e pode precisar que o anime e é uma das suas funções fazer isso.



5. Coloque tudo em ordem. Dê uma volta pela parte principal da casa antes do seu marido chegar. Junte os livros escolares, brinquedos, papel, e em seguida, passe um pano sobre as mesas.



6. Seja feliz em vê-lo. O receba com um sorriso caloroso, mostre sinceridade e desejo em agradá-lo. Ouça-o. Não faça-lhe perguntas sobre suas ações ou que questionem sua integridade. Lembre-se, ele é o dono da casa e, como tal, irá sempre executar sua vontade com imparcialidade e veracidade. Você não tem o direito de questioná-lo.

Essas imagens, seguidas das dicas, produzem o efeito de uma disciplinização da mulher para ser uma boa esposa, e nessa determinação, o homem toma a posição daquele que manda, dá a ordem, que mantém a estrutura familiar, portanto, merecedor de todo respeito e dedicação. Assim, pensando na relação entre os diferentes contextos - o Guia da década de 50 e o da página Diva Depressão - vemos uma discrepância na materialização de sentidos no que é dado a saber a mulher, pois a liberdade e

(in)dependência não significam do mesmo modo pela página *Diva Depressão*. Há pela negação, uma ausência que se presentifica pela memória discursiva sobre a mulher em nossa sociedade ocidental, situando-a a espaços restritos e condicionada às determinações do homem. Pela negação, essa memória resignifica o espaço da mulher na contemporaneidade. Na década de 50, em nossa sociedade, o padrão ideal de uma diva estava ligado à determinação do homem, que a fazia *Diva*, portanto, elegante, de salto alto, em casa, cozinhando, limpando, cumprindo seu papel e, aparentemente, feliz. De modo que a noção de felicidade se ancora num pré-construído sobre a família tradicional brasileira, sustentado no trabalho doméstico, do lar. E nesse imaginário de completude, a mulher se constitui também uma Diva, como Diva do lar. Há também, pela Diva, um esforço para a negação do homem, no entanto, o que se tem é a sua afirmação, como quando se diz que (...) *a única vez que precisei de um homem foi para anotar meu pedido*. A necessidade de dizê-lo aponta para as implicações que a figura masculina exerce ainda em nossa sociedade, nesse lugar de sobredeterminação, além de atualizar da memória discursiva, pela materialidade, o imaginário do homem como serviçal, que serve.

Para compreendermos essa relação entre discursos produzidos diferentemente em uma dada formação discursiva, tomamos de Pêcheux (1997), o que considera:

De modo correlato, se se admite que as *mesmas* palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a uma outra, é necessário também admitir que palavras, expressões e proposições *literalmente diferentes* podem, no interior de uma formação discursiva dada, “ter o mesmo sentido”, o que- se estamos sendo bem compreendidos-representa, na verdade, a condição para que cada elemento (palavra, expressão ou proposição) seja dotado de sentido. A partir de então, a expressão processo discursivo passará a designar o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos linguísticos –“significantes”- em uma dada formação discursiva dada. (Idem, p.161)

Conforme vimos em Pêcheux, consideramos que há uma substituição de palavras, expressões, entre a mulher Diva da atualidade e a mulher do guia de 50, significando-as historicamente pelo já dito. Na página *Diva Depressão*, se consideramos que *o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma*, vemos que, pelo interdiscurso, “algo fala” e diz que a Diva se resignifica pela negação, pela ironia (resistência); Orlandi (2012), em seu artigo “Por uma teoria discursiva da resistência do sujeito”, afirma que “(...) nos processos discursivos há sempre ‘furos’,

falhas, incompletudes, apagamentos e isto nos serve de indícios/vestígios para compreender os pontos de resistência” (p. 213), assim os sentidos que se produzem por uma memória, fala sempre “antes, em outro lugar e independentemente”. Esse outro lugar se inscreve na página pelo próprio nome ‘Diva “*Depressão*”’. A palavra *depressão*, como o termo que designa a Diva, a define como um lugar de fragilidade, em relação à falta da figura masculina, “os *traços daquilo que o determina*, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito”. (Pêcheux 1997, p. 163)

Sobre negatividade inscrita no material, Fedatto (2014), nos diz que, primeiramente, é preciso considerar o não-dito, como uma presença *constitutiva* daquilo que já foi dito, mas que fora esquecido, como uma memória que se atualiza nesse dizer, pois, “as palavras só significam porque carregam a memória de outras formulações, porque carregam não-ditos que nem sempre são recuperáveis, mas que produzem efeitos”.

Nesse sentido, no Guia, podemos compreender os não-ditos como uma forma de resistência, pelo silêncio e não dito, já se inscrevem num lugar que poderiam estar resistindo.

Daí decorre o fato, de que, a página Diva Depressão, no modo como está inscrita na rede eletrônica, como vimos pela predicação já inscritas noutras páginas, vem constituir-se num lugar bastante contundente, pois nesse espaço, como afirma Romão (2008), é o espaço em que supostamente tudo poderia ser dito, como se houvesse uma blindagem imaginária em relação ao seu próprio dito (memória), possibilitada pela própria espessura fluida e sem-fronteira da rede, assim:

afetado pela navegação em uma superfície de dados prefixados anteriormente, o sujeito se movimenta na rede do já-dado, já-dito e já-traçado por um outro sujeito, embrenhando em nós que foram dados por outrem. Assim, o poder dos acessos e dos acessamentos, tantas vezes maculado pelo chavão da liberdade, se limita ao gesto de inscrever-se em locais que já foram autorizados, previamente lidos e acomodados. (ROMÃO, 2008)

Desse modo, consideramos que os dizeres inscritos na rede “são efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios...”(Orlandi, 2001, p.30). Pelo viés discursivo, vemos que a questão da imagem na rede, não é mais “a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e as constitui, mas a imagem opaca e muda,

quer dizer, aquela da qual a memória “perdeu” o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve sem suas incrições)¹³.

Assim, os sentidos desta memória (barrada), fica estancado pela naturalização de um pré-contruído de liberdade/independência da mulher, de tal modo, que nos parecem possíveis. No entanto, é justamente o que está interdito, que toma a forma do *real*, do *impossível*. E como a memória é uma condição do *dizível*, cujos sentidos não podem ser *lidos*, assim, para resgastarmos esse interdito, Payer nos ensina que:

quando se trata de memória discursiva “os objetos de discurso, enquanto sentidos, não estão já-lá prontos para serem resgatados”. Toda aproximação à memória demanda, ao nosso ver, um trabalho de linguagem, trabalho de “formulação” dessa memória, como materialização dos sentidos (PAYER, (2005).

No trabalho de formulação, para que a língua signifique, tem-se a intervenção da história. Logo, há uma relação constitutiva entre língua/sujeito/história. Por esta relação, do sujeito com a língua, Orlandi (2012) afirma que “esta é a marca da “*subjetivação*”, o traço da língua com a exterioridade”. Nesse sentido, com a noção de materilidade, o qual consideramos a ordem simbólica da linguagem (história-ideológica), compreendemos em Pêcheux (1975), essa relação entre sujeito/língua como sendo o lugar de fluidez da falha, do equívoco.

Este trabalho situa-se nesse espaço conflituoso, de tensão, em que se encontram *a ordem da língua e a ordem da história*. Dito de outro modo, é uma materialidade que expõe de modo efetivo o real da língua e o real da história (Gadet e Pêcheux, 1981). A língua, assim, é tomada como objeto de estudos pelo olhar discursivo, do qual visamos compreender as diversas dimensões e materialidades linguísticas, no modo como se desdobram para seus funcionamentos discursivos.

¹³ In: Papel da Memória / Pierre Achard 3ª ed., 2010 - texto de Michel Pêcheux.

CAPÍTULO III: DA LITERALIDADE DA LINGUAGEM PARA O DISCURSO

3.1 A ironia como efeito de rompimento da estrutura sintática:

Ao tratar a linguagem pela perspectiva discursiva, ou seja, na sua relação com a exterioridade, sustentada no fato de que todo discurso está relacionado com outros discursos, compreendemos que outras concepções teóricas que tocam sobre a questão da literalidade da linguagem e do sujeito vão perdendo sua estabilidade estruturante e semântica. Pois, se os sentidos, segundo Orlandi (2012), eram concebidos como algo já dado e preciso, correspondentes à concepção de um sujeito autossuficiente, sendo a linguagem uma entidade acabada e completa, pela noção teórica da análise do discurso, temos outro posicionamento. A ironia, como é o caso do material em análise, funciona como um destaque no desmanche dessa estrutura na/pela própria linguagem. De acordo com a autora, isso acontece no modo como a ironia expõe a incompletude e a indeterminação da linguagem, denunciando assim, *o diferente (a polissemia) no jogo com o mesmo (a paráfrase) e vice-versa* concomitantemente estruturados na sintaxe da língua.

Por essa tensão, entre *produtividade — reiteração (paráfrase) de processos cristalizados na linguagem - e a criatividade - a instituição do novo (polissemia) pela ruptura do processo de produção dominante*, institui-se na língua(gem) algo estrito, restrito, elusivo e não estável, responsável, segundo Orlandi (2012), “pelos sentidos possíveis e da permanência de um “mesmo” sentido em suas várias formas” (Idem, p.15). Tomando esses dois processos como decisivos à compreensão do funcionamento da linguagem, em nosso caso, especificamente, a linguagem irônica nas páginas *Diva Depressão*, trataremos da materialidade linguística, não em sua literalidade, mas como efeito de um discurso ideológico, que se mantém na sua repetição e, nessa repetição, produzindo o novo.

No percurso que Orlandi (2012) tece sobre a ironia, a autora promove um deslocamento dessa noção, conforme vinha sendo definida desde a retórica, como figura de pensamento. Para Orlandi, a ironia passa a ser compreendida como um tipo de discurso. O discurso da ironia estabelece-se como uma prática de linguagem circunstanciada, ou seja, por uma “(...) cristalização, historicamente legitimada, de um funcionamento discursivo, que, por sua vez, é a atividade estruturante de um discurso

determinado, por um falante determinado, para um ouvinte determinado, com finalidades específicas” (idem, p.26). Desse modo:

Na “interlocução”, na prática discursiva, quando as palavras constituem um determinado universo do dizer, há ironia. Ela não está no locutor, não está no ouvinte, não está no texto: está na relação que se estabelece entre os três. Mesmo o que não parece irônico, pode sê-lo; depende da relação que se estabeleça (Orlandi 2012, p.26).

Para a autora, da mesma forma que não há separação entre locutor/linguagem/mundo, conteúdo ou expressão, na inserção da ironia também não há uma relação de atitude pessoal e arbitrária de quem a produz. Tem a ver com um *estado de mundo que se revela*. Desse modo, considera-se que as condições de significação para o discurso da ironia são diferentes de outros discursos, pois ela vem instaurar *um novo estado de mundo*. Há um jogo de relações entre o que já está estabelecido, ou seja, com o que está logicamente estabilizado pelos discursos instituídos e com a instauração de outros discursos, de outros *estados de mundo*, esse mundo já sabido e partilhado pelos interlocutores, pela memória discursiva.

Nesse ponto, Orlandi (2012) considera, assim, como já ressaltamos um estado de mundo que ao se dizer, se inscreve de uma forma irônica. E a inserção deste novo estado de mundo não se constitui a partir de uma existência anterior deste estado de mundo, sequer da forma de discurso, uma vez que *são simultâneos e reciprocamente constituídos*, mas se dá pela relação entre a situação discursiva mediada pela língua na sua relação com memória discursiva. A ironia também não se trata, apenas, segundo a autora, de um jogo de oposições, muito menos deve ser vista como um desvio e/ou tampouco como um sentido que sobrepõe a um sentido literal, mas a ironia deve ser tomada como um sentido do diferente (polissêmico), justamente porque a memória é atualizada pela língua na situação discursiva, entre interlocutores. A ironia produz o funcionamento discursivo do enlace entre a situação do discurso, e seus interlocutores com a memória discursiva, de modo que o que se produz enquanto discurso irônico é da ordem do inédito.

Desse modo, ao tomar a ironia como um tipo de discurso, rejeita-se a ideia de que ela seja um desvio, visto que ela, segundo Orlandi (2012), *é o próprio lugar da instituição de um processo de significação que chamamos irônica*, dada a sua relação

com a situação discursiva. E “esse lugar incorpora a menção ecoica que mostra, com sua forma própria e específica, a relação entre o mesmo e o diferente, o fixado e o possível” (Idem, p.26). Nesse sentido, a ironia vem se estabelecer por uma região de significante em que simulações, alusões e rupturas de significação podem ser desenvolvidas e vistas sob o olhar perspectivo tanto dos interlocutores, do referente, quanto da própria linguagem.

O funcionamento discursivo na perspectiva dos interlocutores se dá na forma de antecipação, em que o sujeito locutor parte do instituído e lança ao destinatário um discurso já cristalizado (memória), mas que se rompe e/ou produz uma inversão (situação). Assim, ao considerar o outro pelo estabelecido, o locutor se antecipa, instaurando o efeito de eco e rompimento (o diferente). Trata-se, segundo Orlandi (2012), “de uma relação de discordância real ou imaginária” (Idem.p.28). Pensando nessa relação, propomos a leitura de uma das imagens da Diva Depressão, em que produz esse efeito de eco (retorno) e rompimento com o estabelecido. Vejamos:

QUATRO MODELAGENS DIFERENTES

NÃO DEIXE
para fazer amanhã
o que **VOCE**
PODE
deixar para
OS OUTROS
FAZEREM

FRETE GRÁTIS
PARA 2 OU + T-SHIRTS

WWW.LOJADIVADEPRESSAO.COM.BR

DIVA
DEPRESSÃO

Há efeitos de sentido produzidos pela ironia, pois que os discursos se entrelaçam em imaginários sociais, como, por exemplo - *o mito da honestidade, o da sinceridade, o da responsabilidade, etc.* A página trabalha esses mitos de tal modo que, pela evidencia material ao mesmo tempo se rompe. Assim consideramos que a inscrição do sujeito “Diva” nessa imagem, marca-se no modo como se diz em relação ao enunciado, por um já dado/estabelecido sob a forma do provérbio, que seria: “*não deixa para fazer amanhã o que você pode fazer hoje*”, que faz o eco, mas, ao mesmo tempo, rompe com esses mesmos dizeres: “*não deixe para fazer amanhã o que você pode deixar para os outros fazerem*”. Esse eco, “tanto pode ter como alvo o destinatário (sarcasmo) como a si mesmo (auto ironia), sendo a relação ou de oposição ou reflexiva” (*ibid*).

A ironia então, para a autora, trata de um acontecimento discursivo, pois:

comunica e, ao mesmo tempo, recusa de comunicar, mantendo o estado de dúvida. Ludicamente, e de forma própria, a ironia aponta para o insólito, para o non-sense, para a ruptura. E esse é um jogo que se produz não só em relação ao destinatário, mas mesmo em relação ao sujeito locutor, que também é prisioneiro das condições de seu próprio jogo. (Orlandi 2012, p.28)

Valendo-se dessa relação, no modo discursivo, é que compreendemos como se dá o mecanismo de antecipação e rompimento no discurso irônico. Quanto ao referente, o que acontece é um jogo entre as formas de mundos já dados/fixados com outros estados de mundo, onde incide o eco e a ruptura. Desse modo, pela ironia, segundo Orlandi, jogamos com as nossas certezas ideológicas, nossas “*suposições prévias*”, garantindo assim, o funcionamento do senso-comum. Ocorre uma suspensão da relação com o senso-comum em vários domínios: “em relação à própria língua e ao uso que fazemos dela; em relação ao conhecimento; em relação ao real; em relação aos mecanismos sociais etc”; (*ibid.*). Ou seja, a ironia joga com o mundo linguístico, cultural e ideológico.

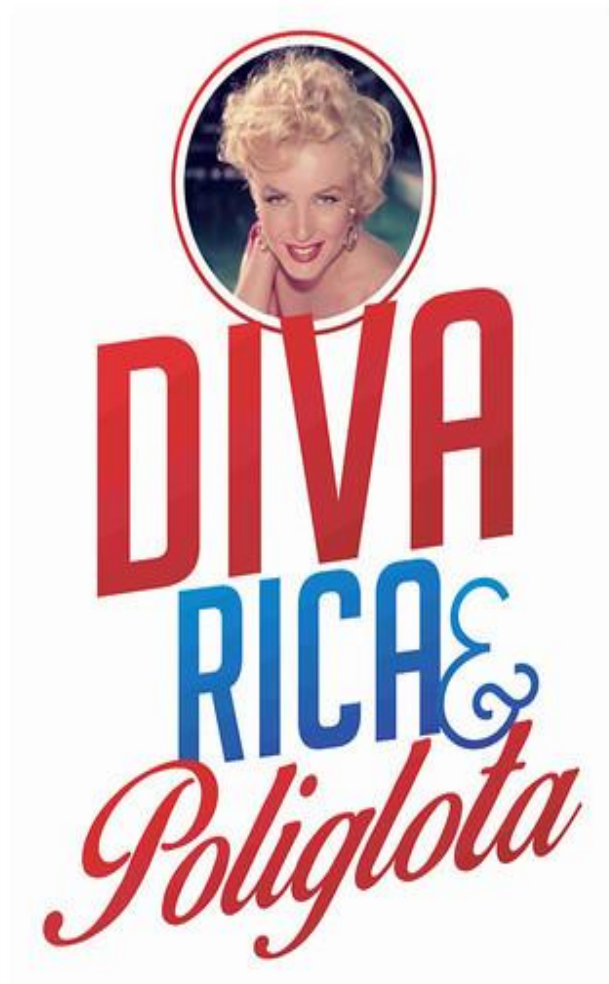
Assim, pelo olhar da autora, no que concerne aos discursos instituídos, ou seja, as paráfrases, a ironia pressupõe a solidez e a congruência, mas ao se aproximar dos sentidos incongruentes (polissemias), pela sua diferença, produz um efeito dissonante, *de ruptura, de destruição*.

Do ponto de vista da própria linguagem, Orlandi (2012), nos diz que, podemos ver a ironia também como um chiste, como um jogo de palavras que, na linguagem, mostra-se e volta-se para si mesma, tendo sua eficácia quando se (e quando) produz o

prazer desse jogo. A ironia se coloca no lugar em que a linguagem pergunta pela própria linguagem, como um funcionamento discursivo que causa conflito *para fora (com o mundo) e em relação à própria linguagem*. Seu mecanismo é composto por duas modalidades: “como *contemplação*, ela se volta para fora, e como *auto-reflexão*, ela se volta para si mesma” (Idem,p.32).

Desse modo, o que podemos observar em relação a página Diva Depressão, é que, as imagens que nelas circulam, formulam um fora pela memória discursiva, fazendo os sentidos resistirem. Produz-se o efeito de um estado de mundo que, ao ser refletido pela diva, se volta para si de modo diferente (polissêmico). Pois, a “Diva” coloca-se numa posição de que não faz parte deste fora (mundo). Podemos perceber isso no modo como a Diva ignora o ideologicamente instituído, negando-o e abstenendo-se dele. Compreenderemos esse mundo posto/proposto pela “Diva” a partir de algumas imagens abaixo:





Ou seja, “na ironia a duplicidade do texto é a dupla exposição, no sentido fotográfico (L. Hutcheon, 1978), que resulta em dissonância”¹⁴. Assim, na imagem quando que afirma *100% nem aí*, a Diva se coloca numa posição em relação às determinações discursivas, do mundo já estabilizado, estabelecido, mas, ao mesmo tempo, se posta numa posição de contra-identificação por esses sentidos, de tal modo que, ao produzir linguagem, o faz pelas dissonâncias, como: *não estou nem aí para você ou para sua opinião, não estou nem aí para crise, para corrupção, ou seja, estou realmente 100% nem aí* para este estado de mundo vigente (o estado de mundo vigente é justamente

¹⁴ Apud Orlandi 2012, p.32

a determinação dos sentidos de uma memória). Pois, no mundo em que a “Diva” se encontra, os sentidos dessa memória que a afetam e a determinam são negados no modo de sua interpelação ideológica. Tanto que na imagem seguinte, se diz uma *Diva rica e poliglota*, que está na posição de autonomia e independência, atentando contra o mundo instituído, o determinado, tentando se descolar para o fora dele, resistindo-o.

Afirma Orlandi:

O sujeito falante pode usar a ironia para romper o estabelecido, ou para evitar que isso aconteça; para dar a palavra a outrem ou para impedi-lo de falar etc. Mas qualquer que seja sua finalidade prática, ele estará operando, no nível do funcionamento da linguagem e de seus processos de significação, com a ruptura e a dissonância. (Orlandi 2012, p.37)

De qualquer modo, mesmo que o sujeito tente romper com o estabelecido, algo sempre escapa, e através desse rompimento, os sentidos vazam, pois quando o sujeito se nega, também se reconstrói. Compreendemos que isso se dá sempre na/pela linguagem, em nosso caso, pela linguagem irônica. Segundo a autora, a ironia é *um*, mas de fato existem vários *modos* de significar e através do qual constituem um processo linguístico de destruição do sentido. “A ironia desloca processos de significação já instalados” (Idem, p.38).

3.2 A (contra/super/des) identificação de si pelo discurso irônico

Orlandi (2009) formula que, ao significar, o sujeito se significa. A partir desta elaboração teórica, compreendemos que o processo de constituição dos sentidos pelos sujeitos está intrinsecamente ligado aos processos de identificação que, por sua vez, é resultado dos movimentos de filiação de cada sujeito a redes de formações discursivas diferentes. Entendemos também que, no discurso (e pela sua interpelação), as posições do sujeito se dão sempre num complexo movimento de repetição e deslocamento que “não lhe é acessível, ele não tem acesso direto à exterioridade (interdiscurso) que o constitui”. (Idem, p.49)

Para Pêcheux (1997), *toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual- sobre determinado das formações discursivas*, que é o lugar de atuação das ideologias nas suas dadas condições históricas. Logo, o processo de identificação do sujeito se dá quando *a interpelação do indivíduo em sujeito de seu*

discurso se realiza pela identificação dele (na qual ele é constituído como sujeito) com a formação discursiva que o domina.

Ao retomar as formulações de P. Henry, Pêcheux (ibid.), compreende que essa interpelação propõe necessariamente um *desdobramento* que é constitutivo do sujeito do discurso, de modo que:

um dos termos representa o “locutor”, ou aquele a que se habitou a chamar o “sujeito da enunciação”, na medida em que lhe é “atribuído o encargo pelos conteúdos colocados” - portanto, o sujeito que “toma posição”, com total conhecimento de causa, total responsabilidade, total liberdade, etc.- e de outro termos representa “o chamado sujeito universal, sujeito da ciência ou do que se pretende como tal (Idem, p.214).

Esse *desdobramento* se elucida pela relação entre ao sempre-já-lá da ordem da interpelação ideológica o qual fornece-*impõe* a “realidade” e o seu “sentido” sob a forma universal como “*o mundo das coisas*”, e, a *articulação* ou *efeito-transverso* que é o modo como o sujeito se constitui pela sua relação com o sentido, ou seja, é a representação que temos no interdiscurso o qual determina a dominação da *forma-sujeito*.

Desse modo é que podemos dizer que o interdiscurso enquanto *discurso-transverso* “*articulação*”:

atravessa e põe em conexão entre si elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece assim por dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como sujeito falante, com a formação discursiva que o assujeita. (Pêcheux, 1997, p 167).

Nesse sentido, segundo o autor, no processo de identificação do sujeito, acontece o processo de “tomada de posição”. No entanto, ressalta que esta deve ser compreendida como efeito, na forma sujeito, na determinação do interdiscurso enquanto discurso transverso, cujo funcionamento é explicado nos seguintes termos:

a tomada de posição resulta de um retorno do ‘Sujeito’ no sujeito, de modo que a não-coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo de que ele ‘toma consciência’ e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus ‘semelhantes’ e com o ‘Sujeito’. O ‘desdobramento’ do sujeito - como ‘tomada de consciência’ de seus ‘objetos’ - é uma reduplicação da identificação...” (idibid. p. 172).

Essa reduplicação do sujeito, isto é, esse desdobramento, pode, de acordo com Pêcheux, assumir diferentes modalidades de tomadas de posição. A primeira modalidade caracteriza o discurso do “bom sujeito” que revela espontaneamente o Sujeito. Estabelece-se, pois, por uma *superposição* entre o sujeito do discurso e o sujeito universal, indicando a identificação plena do sujeito do discurso com a forma, “de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento livremente consentido”. (p.215).

A segunda caracteriza, de modo inverso, o discurso “do mau sujeito”, este se contrapõe ao sujeito universal, à forma sujeito, isto é, *contra – identificação* com a formação discursiva que lhe é imposta pelo interdiscurso resultando numa “separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta..)” (idibid. p.215).

O que se compreende dessas duas tomadas de posição, é que são antagônicas¹⁵ e instauram uma *contradição* no interior da forma do sujeito “na medida em que o efeito daquilo que definimos como interdiscurso continua a determinar a identificação ou a contra-identificação do sujeito com uma formação discursiva, na qual a evidência do sentido lhe é fornecida, para que ele se ligue a ela ou que a rejeite”. (p.216).

Para além dessas duas modalidades, Pêcheux compreende uma terceira que se determina pelo funcionamento da “desidentificação, isto é, de uma tomada de posição não-subjetiva, que conduz ao trabalho de transformação deslocamento da forma-sujeito” (idibid. p. 217). Nesta, o sujeito do discurso desidentifica-se de uma formação discursiva e sua forma-sujeito, para deslocar sua identificação em outra formação discursiva e sua respectiva forma-sujeito.

Assim, por essas compreensões, já no alinhar desta análise, pressupomos pelo funcionamento da página Diva Depressão uma desidentificação no modo como os discursos são introduzidos, pois, as diferenças e as divergências presentes, no âmbito da linguagem irônica, apresentam uma propensão de rejeição à uma “unicidade homogeneizadora” da forma-sujeito, que se relativizam pela própria “homogeneidade” de uma formação discursiva. Nesse sentido, propomos a leitura das imagens abaixo:

¹⁵ Que possui a forma de contradição hegeliana: a negatividade, a *Aufhebung*, etc. (p.216)



Era uma vez uma princesa
que não era obrigada a nada



E viveu feliz para sempre

DIVA DEPRESSÃO

Diante dessas imagens, vale lembrar que os sentidos são dados dentro das formações discursivas, ou seja, a formação discursiva se apresenta como o lugar de constituição dos sentidos e, conseqüentemente, dos sujeitos, que são interpelados em sujeitos-falantes uma vez que se identificam nessas formações discursivas. Logo, compreendemos que “as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a outra” (Pêcheux, 2007, p. 148). Assim, compreendemos o lugar da constituição dos sentidos determinados pelas posições-sujeito de cada formação discursiva. E neste lugar, também se dão as modalidades de desdobramento da forma-sujeito.

Nos dizeres dessas imagens da página *Diva Depressão*, compreendemos, a segunda modalidade de desdobramento do sujeito, que inaugura um espaço para a heterogeneidade, pois ela diz respeito a uma tomada de posição do sujeito que luta contra a evidência ideológica. O sujeito de desidentifica com a formação discursiva que lhe é imposta” (Idem, p. 199). Assim, na imagem do “100% nem aí”, no modo de referir-se a esse “eu” autossuficiente que fala, como que indeterminado às condições de produção, instauram-se questionamentos sobre a ideologia vigente, ainda que ocupando lugar dentro da mesma formação discursiva, não mais reduplica o saber vigente, mas sim faz questionamentos. Para melhor compreensão, vamos relacionar com imagem acima, em que diz: “O que seria de mim se não fosse eu”; esse enunciado, mais uma vez traz o “eu” que se coloca como determinante para sua constituição, e questiona o Saber/Poder que determina essa identificação, assim, resultando em sua desidentificação. Ou seja, ao dizer “o que seria de mim se não fosse eu”, este “eu” resiste a dominância em que é subordinada, recaindo na evidencia de que “eu sou realmente eu”, sem determinações, conforme Pêcheux (1997), explica:

Ao dizer que o EGO, isto é, o imaginário no sujeito (lá onde se constitui para o sujeito a relação imaginária com a realidade), não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao Outro, ou ao Sujeito, já que essa subordinação-assujeitamento se realiza precisamente no sujeito *sob a forma de autonomia* (...). (Idem, p.163).

Assim, pelo efeito desses questionamentos, compreendemos que um já dado da memória discursiva passa a determinar, algo de outro lugar é atualizado, do *conjunto complexo de formações discursivas*, chamado de interdiscurso. Desse modo, essa contra-identificação, é responsável por abrir espaço à possibilidade da diferença, do

questionamento, do embate, logo, abre para as diversas posições-sujeito que se instauram no interior de uma mesma formação discursiva.

Na imagem do *Era uma vez...*, tem-se no enunciado a contraposição à ideologia, conforme a formação tradicional da criança, por meio da leitura dos clássicos infantis, no mundo ocidental. Irrompe-se uma leitura de mãe, que lê “*Era uma vez uma princesa que não era obrigada a nada e viveu feliz para sempre*”. A contra identificação possível, é marcada pela ironia, lugar da resistência que se infiltra, fazendo com que esta formação clássica e tradicionalista, se reconfigure de modo que identifique com “algo novo” (contra) das histórias infantis. Nas palavras de Indursky (2007a, p. 81), “esta segunda modalidade traz para o interior da FD o discurso-outro, a alteridade, e isto resulta em uma FD heterogênea”.

Ainda com Indursky, no momento em que identificamos a instauração de uma nova posição-sujeito em uma formação discursiva, chamamos de “acontecimento enunciativo” (ibid. p.170). Este, é, segundo a autora, da mesma ordem do acontecimento discursivo, porém, *enquanto este último instaura uma nova FD, o primeiro diz respeito a uma contra identificação com a posição-sujeito dominante*. Assim, o acontecimento enunciativo instaura, portanto, uma nova posição-sujeito que “convive com as demais, instituindo mais que a diferença. Ela conduz ao estranhamento, à tensão interna às fronteiras da FD em que está inscrita” (p. 27). Desse modo, o não-assujeitamento total do sujeito pelas FDs, nos permite apontar para o papel da resistência e da contradição como algo constitutivo do próprio processo de assujeitamento do sujeito.

CONSIDERAÇÕES (IN) CONCLUSIVAS:

Ao considerar pelo discurso, a língua, na sua incompletude, não como um sistema fechado e acabado, fazemos desse trabalho como (in)conclusivo, sendo este um pressuposto da Análise do Discurso, o de que não só *o discurso é sempre incompleto*, como também *são incompletos os sujeitos e os sentidos*¹⁶.

Considerando a relação constitutiva do discurso entre a língua/sujeito/história é que costuramos nossa pesquisa, focando sobretudo nas noções de memória discursiva, de ironia, negação, bem como das (des) identificação do sujeito do discurso ao longo dos capítulos e tópicos. A resistência também esteve muito latente em nosso material, o que pretendemos melhor precisar um pouco mais adiante, no que diz respeito à compreensão da resistência pela/na Diva Depressão.

Antes, e seguindo, procuramos compreender também o espaço, as condições de produção da página Diva Depressão, considerando a materialidade significativa que nos norteou na pesquisa. As questões se deram na análise e compreensão de sentidos que resistem, filiam-se pela memória discursiva a uma posição ideológica de dizer, o qual resultou num modo de compreender como quem fala, fala de si¹⁷. Alteridade trazendo o dizer de si a partir do outro que o constitui.

De início, procuramos compreender o espaço, as condições de produção da página *Diva Depressão* (na internet), assim como nos diz Dias, com relação a discursividade do eletrônico, que:

(...) é um processo histórico e ideológico de significação da nossa sociedade contemporânea, do modo como estamos nela, como praticamos os espaços, do modo como somos interpelados em sujeito pela ideologia, através das determinações histórica. (DIAS, 2011, p.58).

Diante dessas reflexões, o que acontece no ambiente da internet são manifestações de formações imaginárias resultantes dos processos discursivos anteriores, ou seja, por um movimento de representação imaginária, o sujeito discursivo em rede, faz projeções filiando e/ou resistindo sua formação/constituição. Para mostrar essas relações de forças, o que/como os sentidos resistem, neste desafio, faz-se mister pensar que “não há dominação sem resistência” (Pêcheux (1997[1975] p.34). Nesse sentido, as reflexões de

¹⁶ E. Orlandi, (1990)

¹⁷ Disso, falaremos especificamente mais à frente, mostrando suas relações no material.

Mariani (1998), contribuem fortemente para/na definição de resistência, a partir de Pêcheux (Idem). Assim, ela (autora) afirma:

E conforme Pêcheux, o que é a resistência, em termos discursivos? É a possibilidade de, ao dizer outras palavras no lugar daquelas prováveis ou previsíveis, desloca sentidos já esperados. É resignificar rituais enunciativos, deslocando processos interpretativos já existentes, seja dizendo uma palavra por outra (na forma de um lapso, um equívoco), seja incorporando o *non sens*, ou simplesmente não dizendo nada. (Idem, p.26).

Desse modo, pensamos os sentidos que dominam a Diva Depressão, se dando desde a recorrência das menções ecoicas (eus - outras vozes), conforme Orlandi (2012), através da ironia até à (des)identificação de tais sentidos que são marcados pela negação (irônica) de falar si, o qual inscreve a Diva Depressão neste lugar de resistência.

Lagazzi (1998), em suas análises, quando pensa o sujeito no/sobre discurso dos assentados e das lideranças do Movimento (MST), mostra como uma das formas de resistências, a possibilidade de mudança, na/da inserção de outro(s) sentido(s), propõem um pensar da resistência, não como uma propriedade do sujeito, mas na contradição da sua constituição, conforme a autora:

A resistência é normalmente tomada como luta por mudanças, e na sociedade moderna na oposição ao funcionamento político-jurídico, como possibilidade de mudança nas relações marcadas pela individualização, um lugar para o dizer inserido numa memória discursiva em que 'cada um' e 'todo aquele que' possam ser resignificado no deslocamento da responsabilidade intercambiável da sociedade capitalista (Idem, p.77,78).

No entanto, para além desse sentido corrente de resistência, que aparece como simples possibilidade de fazer-se, pôr- opor-se a algo estabelecido pelas lutas como mudanças, citadas por Lagazzi, compreendemos outro modo de resistir pela Diva Depressão, que discursivamente recai nas reflexões teóricas da terceira modalidade subjetiva formulada por Pêcheux, a *desidentificação*.

Por essa noção, façamos um retorno esquemático, sob o olhar de Beck, nas distintas posições (*proximidade/distância frente ao Sujeito*), onde aponta uma *movência* em jogo nas modalidades tratadas por Pêcheux, assim temos, o:

(...) deslocamento vetorial de aproximação (bom sujeito); de extrapolação (superidentificação); deslocamento vetorial de afastamento limitado (mau sujeito); deslocamento imaginário (falsa identificação) e deslocamento radical (desidentificação). (BECK (2015), p. 203)

Nesse ponto, chegamos em outro estágio da análise, tomaremos a Diva Depressão como um deslocamento radical – a *desidentificação*, sob forma de resistência. Retomemos a leitura do nosso material. O Guia de 1950, traz uma memória de Diva daquela época. O que repete? O que retoma para resistir? Repete o funcionamento da memória discursiva, que se atualiza por essas imagens/dicas. A memória discursiva está povoada de sentidos que determinam o espaço feminino como o espaço doméstico, de que a mulher é quem deve trazer a felicidade para marido, para o ambiente familiar sendo servil/gentil, de que a “felicidade” dela é a verdadeira “Felicidade” no modo como está estampada em sua na face (sorriso).

Em contraponto com este Guia, temos a Diva Depressão, que se marca por uma busca diferente para a felicidade, de acordo com Mariani e Magalhães (2011)¹⁸ :

a busca pela felicidade na contemporaneidade se instaura como lugar privilegiado do “ter tudo” por um sujeito filiado às redes de sentidos do discurso capitalista, que funcionam pela lógica do consumo”.(Idem, Apud Mariani e Lunkes (2013) p.42)

Ou seja, além de se colocar numa posição de ser dono de si (do dizer), Diva Depressão passa a funcionar como imagem especular de que felicidade está no consumo. Essa relação de felicidade com o mercantil se dá no momento em que a página se desloca/desdobra de uma página no facebook para um site de Loja, e este discurso de consumo, capitalista, mercantilista, fica bem evidenciada na venda das camisetas estampadas.

Para enriquecer essas reflexões, Kehl (2009), ao tratar da atualidade das depressões, faz um retorno desse lugar social como um sintoma para a depressão, sendo o nome “contemporâneo para os sofrimentos decorrentes da perda do lugar dos sujeitos junto à versão imaginária do Outro. O sofrimento decorrente de tais perdas de lugar, no âmbito da vida pública (ou, pelo menos, coletiva), atinge todas as certezas imaginárias que sustentam o sentimento de ser” (p. 49). No cenário de hoje, impera o consumo como

¹⁸APUD MARIANI E LUNKES (2013);

verdadeiro organizador do laço social e como doador de sentido para a vida e a depressão, como sintoma social, resiste à “fé na felicidade consumista” (p. 103) e não corresponde aos ideais atuais de bem-estar.

Por essa relação de demanda do sujeito, vemos a Diva Depressão também repetindo na relação com a interlocução que está proposta, da relação de produção que estão dadas para ser sujeito “feliz” pela predicação da “depressão”. No post em que se diz “O que seria de mim se não fosse eu”, nesse ponto, Diva Depressão repete para significar diferente pela ironia bem como pelo cinismo.

Comprendemos isso, a partir do post da página “O que seria de mim se não fosse eu”, vemos a figura da mulher como: a mulher lutadora, a mulher é vitoriosa, a mulher é quem faz tudo sozinha, a mulher é independente, a mulher é guerreira. A Diva vem repetir essa memória de mulher, de modo que essa repetição faz/é um retorno para dizer de um outro modo, resignificando assim, o espaço da mulher. Desse modo, o que resiste nesse material, está resistindo de um lugar de desidentificação do saber tradicional da mulher, a resistência é justamente quando a Diva retoma o mesmo para negar-se. A resistência desse sujeito está na relação de que ela não quer fazer repetir os sentidos de tradição, por mais que na materialidade há essa repetição, ela resiste e faz funciona pela ironia, repete para dizer o posto. O mesmo se diz, mas de modo diferente, trata-se da relação entre paráfrase e polissemia.

Nesse passo, compreendemos a página Diva Depressão, ora numa relação com o discurso feminista, uma *Diva* que se impõe e resiste as determinações histórico-sociais da mulher, ora escorregando pela nomeação fictícia de seu próprio sobrenome, *Depressão*, denunciando assim, suas determinações, mostrando sua forma-sujeito. Ou seja, há um reconhecimento de quem é a “Diva”, pelo sobrenome, “Depressão”. Pêcheux (1997), elucida melhor essa relação quando diz:

Vê-se, assim, que o efeito do real sobre si mesmo, na medida em que ele produz aquilo que chamamos a “forma-sujeito”, fornece-impõe a “realidade” ao sujeito sob a forma geral desconhecimento, forma da qual a *ficção* – representa a modalidade mais pura, não causa surpresa o fato de que –em função do que se precede- esse desconhecimento seja fundado sobre um reconhecimento(...)

Assim, é a partir desse reconhecimento que *o sujeito esquece das determinações que o colocaram no lugar em que ocupa*, isto é, “Diva” se reconhece pelo

desconhecimento, (negação) de seu sobrenome “Depressão”, que sempre falou e fala antes em outro lugar, independentemente. Nesse sentido, dizer depressão já se contra-identifica com esse imaginário de diva que a Diva Depressão traz, isso compreendemos a partir da própria condições de produção: dos posts, imagens, estampas; quando traz todas essas divas do cinema, do show do cabaré, em que há todo um *glamour*, mas que se formos pela história, Marilyn Monroe por exemplo há indício que sofria de Depressão. Nessa relação a Diva tomada pelo nome glorioso (Diva), se revela, se reconhece, quando diz e se predica pela “depressão”, aqui está o funcionamento de todo material, desse reconhecimento, por Diva Depressão.

Tomamos todas essas materialidades para dizer de um mesmo funcionamento, trata-se da alteridade, ora aparece como a mulher heroína, controladora, dona do dizer, ora em 1ª pessoa, 2º, 3ª e volta para 1ª para dizer da Diva por ela mesma, assim, todos esses outros eu (s) enunciam o eu e (O) outros que habitam na Diva.

Trata-se, aqui, de tomar como material de escuta e compressão, “o processo de resistência-revolta-revolução da luta ideológica e política de classes” (Pêcheux, 1997[1975], p. 303). Ou seja, o sujeito sempre vai se constituir “pelo esquecimento daquilo que o determina” (Idem, p.163). Na teorização de Pêcheux, pelos traços daquilo que o determina, isto é, pelos esquecimentos o sujeito tem acesso negado, ¹⁹deixando sob apagamento a condição de que suas palavras já foram faladas antes, em algum outro lugar, e o de que, entre as palavras e o mundo, não há outra relação senão aquela cavada como óbvia pela ideologia.

Nesse sentido, retomemos daquilo que mencionamos sobre a predicação da Diva, isto é, o predicativo “depressão”, compreendemos que pelo gesto de retomar o nome em outras páginas, como: *Direito da Depressão, Arte da Depressão, Letras da Depressão, Linguística da Depressão*; Compreendemos que, por essa predicação “depressão”, já se instaura, produz por antecipação, um lugar irônico na rede no modo como revela diferentes espaços para depressão. Ou seja, a depressão já é irônica a partir da própria nomeação da página, inserir essa predicação (depressão) no nome da diva por exemplo, causa um estranhamento ao leitor analista do discurso.

Nos termos discursivos, cria-se um discurso de resistência que se dá pela inscrição histórica de um nome (depressão) que se propaga na rede, e que, se molda e enquadra às

¹⁹ In: Discurso, Resistencia e...(2015)

condições de produção dadas por outras páginas no virtual. Resistir, dessa forma, faz relação à desidentificação do sujeito.

Assim, por essas modalidades de páginas, de sujeito, há um funcionamento que toma a forma de uma *desidentificação*, isto é, há uma tomada de posição *não-subjetiva*. De acordo com Beck (2010), a desidentificação “(...) funcionaria como uma forma de desconstrução da matriz de sentidos da ideologia com base em uma integração dialética de conhecimentos objetivos e práticas políticas transformadoras. (p.200). E é algo que repete, repete pela mesma predicação inscritas em outras páginas. E se repete, resiste. Resiste como forma de escape, como uma possível ‘liberdade’ frente ao assujeitamento, frente à condição própria de ser sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHARD, Pierre. **Memória e produção discursiva do sentido**. In: Papel da memória / Pierre Achard ... [et AL]; tradução e introdução José Horta Nunes. – Campinas, SP: Pontes, 1999.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)**, In: Cadernos de Estudos Linguísticos, (19): 25-42, Jul./Dez. 1990.

BECK, Maurício, **Sobre as modalidades discursivas de funcionamento subjetivo-Identificação, Contraidentificação, Desidentificação, (e Superidentificação?)** IN: Discurso, resistência e.../Organizado por Alexandre S. Ferrari Soares et al...Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2015. 253p. ISBN:978-85-7644-295-0

BIRMAN, de Joel. **O sujeito na contemporaneidade**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012

DIAS, Cristiane P. **Espaço, tecnologia e informação: uma leitura da cidade**. In: RODRIGUES, Eduardo. A.; SANTOS, Gabriel. L. dos.; BRANCO, Luiza. K. C. (Orgs.). *Análise de discurso no Brasil: pensando o impensado sempre: uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas: RG, 2011a. p. 259-272

_____ e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano. E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]. 2013, Consultada no Portal Labeurb – [http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/Laboratório de Estudos Urbanos](http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/Laboratório_de_Estudos_Urbanos) – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

FEDATTO, Carolina P. **Sobre as possibilidades de negação na imagem e alguns desdobramentos teórico-analíticos** - Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso, 2015, no prelo.

_____ **Falar de si na rede: um espaço para quem (não) sou** - Revista do GEL (no prelo, 2014)

_____ **Formas de dizer não e outros conflitos**; Conferência – III Seminário Integrado de Monografias, Dissertações e Teses – Univás, 22 out 2014.

INDURSKY, Freda. **Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura.** In: ERNST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Susana Bornéo (orgs.). *A leitura e a escrita como práticas discursivas.* Pelotas: Educat, 2001, p. 27-42.

KEHL, Maria Rita- **O tempo e o cão: a atualidade das depressões/Maria Rita Kehl.** - São Paulo: Boitempo, 2009

LUNKES, Fernanda - **Depressão e felicidade: questões contemporâneas** - Universidade Federal Fluminense (UFF); CNPQ. *Mal-Estar e Sociedade* - Ano IV - n. 7 - Barbacena - julho/dezembro 2011 - p. 13-31

MARIANI, Bethania. **Discursos Anestesiados – Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço/Organização de Evandra Grigoletto, Fabiele Stockmans de Nardi, Carme Regina Schons.** – Recife: Ed. Universitária – UFPE, 2011. 267. : il. (Coleção Letras)

_____ **Subjetividade e imaginário linguístico - Linguagem em (Dis)curso,** Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 55-72, 2003

_____ **Sentidos de subjetividade: imprensa e psicanálise** - Polifonia cuiabá edufmt v. 12 n. 1 p. 21-45 2006 issn 0104-687x

_____ **A felicidade (necessária) no/do Rio de Janeiro: A produção de imaginários sobre o espaço urbano e sobre o sujeito carioca.** MARIANI, Bethania; LUNKES, Fernanda-*Signo y Señal*, numero 24, Facultad de Filosofía y Letras (UBA), diciembre de 2013, pp. 35-55. Disponível em <http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>. ISSN 2314-2189

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade.** RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 2 - ISSN 1413-2109

_____ **Análise do Discurso: princípios & procedimentos.** ed. 9°. São Paulo: Pontes, 2009.

_____ **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos/** Pontes, Campinas, SP, 2012

_____ **Língua, Comunidade e Relações sociais no espaço digital.** In. DIAS,

_____ **E. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.**

Petrópolis:

Vozes, 1996.

_____ **Análise de Discurso – Miche Pêcheux- Textos selecionados:** Eni Puccinelli Orlandi – Campinas, SP: 4ª Edição -Pontes Editores, 2014

_____ **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia/Eni Puccinelli Orlandi** 2ª edição- Campinas, SP: Pontes Editores, 2012

_____ **A noção da materialidade.** Vídeo: Reunião de trabalho do Grupo DICIT. Campinas: Unicamp/Labeurb. 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

_____ **Delimitações, inversões, deslocamentos.** Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, (19), julho/dezembro, 1990

_____ **Sobre os contextos epistemológicos da análise do discurso.** In: Revista Escritos, nº 4. Campinas, SP: LABEURB, 1999.

_____ **Ler o arquivo hoje. In: Orlandi, E. (org) Gestos de leitura.** Campinas, SP: Ed da UNICAMP, 1997.

_____ **O discurso: estrutura ou acontecimento / Michel Pêcheux 1938 – 1983; tradução Eni Pulcinelli Orlandi.** – Campinas, SP : Pontes, 1990.

_____ **Análise Automática do Discurso (AAD-69).** In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1990.

PAYER, Maria Onice. **Memória da língua: imigração e nacionalidade / Maria Onice Payer.** – São Paulo: Escuta, 2005.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa & GASPAR, Nadea Regina (orgs) **Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2008.

_____ 2004. **Nós, Desconhecidos, Na Grande Rede.** Linguagem em (Dis)curso – Lem D, Tubarão, v. 5, n.1, p. 71-91, jul./dez.

Sites:

<http://www.lojativadepressao.com.br/> acesso em 03 setembro2016.

<https://www.instagram.com/divadepressao/> em 03 setembro2016.

<https://www.facebook.com/DivaDepressao/?fref=ts> em 03 setembro2016.

<http://awebic.com/cultura/guia-boa-esposa-1950/> em 03 setembro2016.